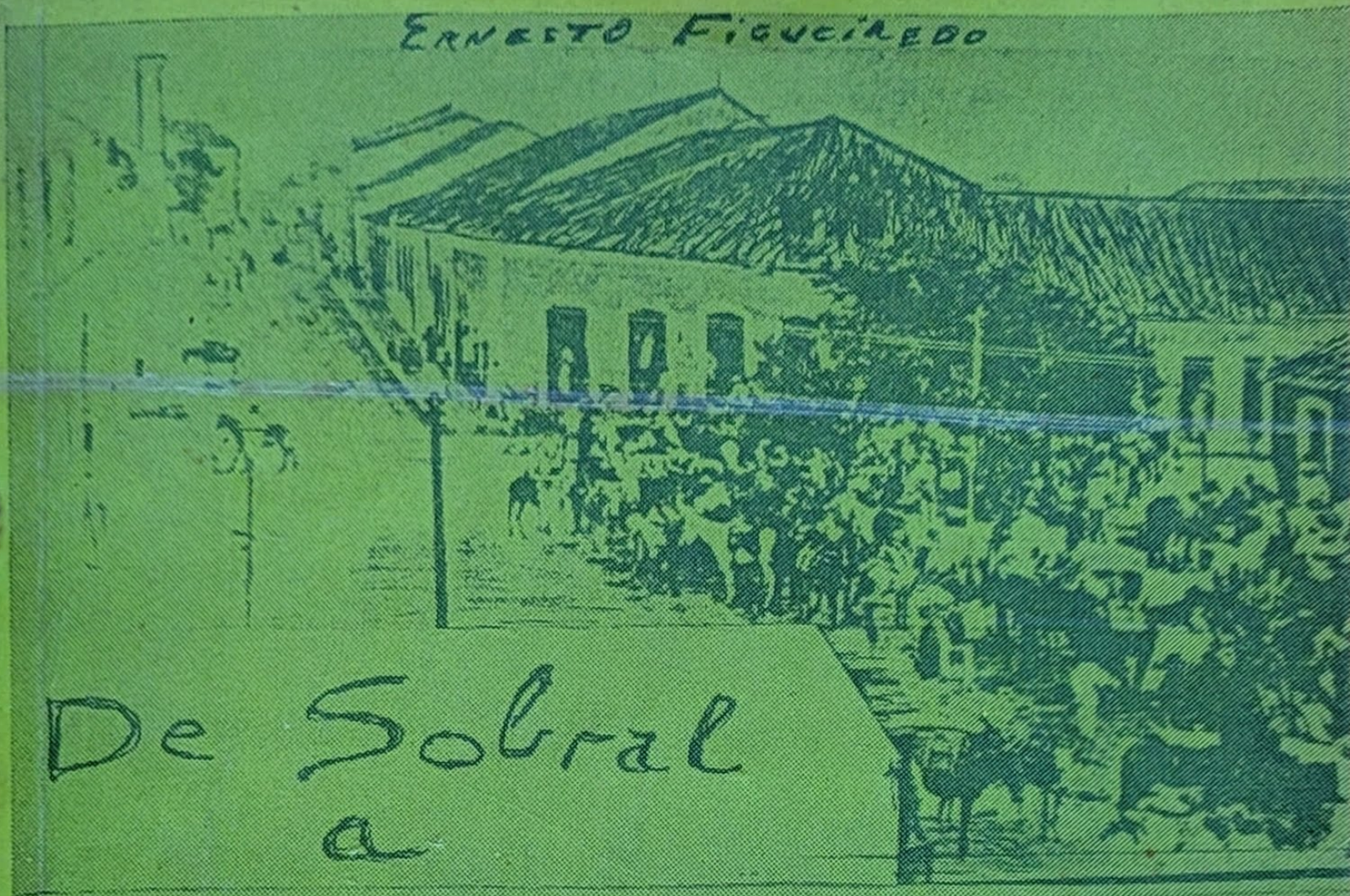
ERNESTO FIGUEIREDO



De Sobral a Tuiuti

039901
L0000039917

ERNESTO FIGUEIRÊDO

De Sobral a Tuiuti

FORTALEZA
SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
1984

CE
981.31
F475d
ex. 1
t. 039901/2003

ERNESTO FIGUEIRÊDO
c. 1984

SECRETARIA DE CULTURA E DESPORTO
Av. Presidente Castelo Branco, 255.
FORTALEZA - CEARÁ - BRASIL
CEP — 60.000.

Biblioteca Pública Gov. Menezes Pimentel
ENTRADA
Nº REGISTRO 16269
DATA 16/03/99

IMPRESSO NO BRASIL
CATALOGAÇÃO NA FONTE: BPGMP.

F 475 d Figueirêdo, Ernesto

De Sobral a Tuiuti. Fortaleza, Secretário de Cultura e Desporto: 1984.

124 p.

1. Brasil — História. 2. Brasil História — Batalha de Tuiuti. 3. Sobral,CE. — História I. Título.

CDD — 981

A edição desta obra tornou-se possível graças ao apoio da Secretaria de Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará.

Governador do Estado:
LUIZ DE GONZAGA FONSECA MOTA

Secretário de Cultura e Desporto:
JOAQUIM LOBO DE MACEDO (Joaryvar Macedo)

AGRADECIMENTO

Agradeço ao Pe. Francisco Sadoc de Araújo, General Luiz Guilherme de Freitas Coutinho, Coronel Inf. Mário Ramos Soares, Coronel Av. Osório Medeiros Cavalcante, Joyce Figueiredo Cavalcante e Zuleika Ximenes Viana, pelo incentivo e ajuda que recebi.

PREFACIO

Reverenciando aos que nasceram nos chãos da antiga Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Sobral, valorosos soldados que lutaram nas muitas guerras, permitam-me citar Homero — "Um solo rude, no entanto berço de filhos fortes", o Brigadeiro Antônio de Sampaio, o Tenente-Coronel Francisco Frederico Figueira de Melo, o Capitão Mandante Delmiro Porfírio de Farias, o Alferes Antônio Viriato de Medeiros, o Alferes secretário José Augusto da Frota Meneses, o 2.º Sargento Vicente Ferreira Filho de Maria (conhecido na tropa como Birimbau), e o soldado Romaco Pereira Homem, cada qual no posto militar que ocupava, são paradigma da fortaleza que a terra adusta transmite a seus filhos.

Este pequeno trabalho é "apenasmente", como diria o voluntário José de Souza Fogo, um ligeiro roteiro para futuras pesquisas a serem feitas pelos moços das Ribeiras do Rio Acaraú, gente forte e de notável fertilidade intelectual.

Sobral, 05 de julho de 1984

Ernesto Figueirêdo

Com o rosto por detrás de um livro sempre, e tendo como moldura centenas de outros, é a imagem física que carrego dentro do meu coração, de papai.

Essa foi a principal influência, não nego, para que eu sentisse o irresistível e sem retorno desejo de escrever. Por acaso publiquei livros antes dele. Durante algum tempo me julguei a única escritora da família. — Como poderia suspeitar que enquanto isso ele estava a pesquisar, burilar, forjar e garimpar as palavras, as idéias, as informações, para reuni-las num livro que a meu ver é mais que um livro, é um tributo à sua amada Sobral?

Através de uma secção na opulenta História da cidade, ele leva o leitor a se informar cada vez mais sobre seus costumes, sua gente, seu passado.

Simultaneamente ele transporta o sobralense ao outro extremo do Brasil, unindo assim as pontas de nossa pátria-continente.

Faz isso com leveza pouco usual aos historiadores de sua geração. Seu estilo é bem pessoal: moderno, crítico, irônico, analítico. Ao mesmo tempo leva a veracidade das informasões às últimas conseqüências, vindo de encontro ao verdadeiro conceito filosófico da palavra história.

Me alegra infinitamente poder dizer cheia de orgulho e admiração pela sua obra: Bem-vindo ao clube, papai.

Joyce Cavalcante

SUMÁRIO

O Mendigo 15
O Voluntário 19
Rumo à Capital da Província 23
Impressões do Voluntário Romano sobre Fortaleza 31
Viagem para a Corte 35
Ao Ponto de Concentração no Estrangeiro 41
Primeiro Efetivo de Oficiais do 26.º de Voluntários da Pátria 45
O Comandante do 26.º de Voluntários 49
A Balaiada 57
Situação das Tropas Brasileiras 73
O Brigadeiro Antônio de Sampaio 75
Ainda sobre a Precária Situação das nossas Tropas 79
Marcha para Corrientes 83
Invasão do Paraguai 85
Passo da Pátria e Estero Belaço 89
Tuiuti 93
Parte sobre o Combate de 24 de Maio 99
Combates de 16 a 18 de Junho de 1866 101
Parte do Combate de 16 de julho Feita pelo Comando da 1.ª Divisão 105
Curuzu e Curupaiti 109
Continua a Inação das Tropas Aliadas em Tuiuti 111
A Morte de Figueira de Melo 115

I

O MENDIGO

A seca que se verificava em 1932, como as anteriores, havia escorraçado o homem do campo para a cidade.

Sobral, conhecida como o "pai da pobreza", desde épocas imemoriais, atraía grande número de retirantes, chegando ao ponto de a Prefeitura Municipal, sob a intervenção do Tenente Floriano Machado, ver-se obrigada a concentrá-los no "Prado", antiga sede do Derby Club Sobralense, o qual, segundo sua história, foi fundado em 1871.

Ali se reuniram a miséria e a doença. Verificava-se diariamente uma elevada quantidade de mortes, especialmente entre os velhos e crianças.

Diante da calamidade, o sobralense, sob a liderança de D. José Tupinambá da Frota, cerrou fileiras a fim de melhorar a situação dos nossos infelizes irmãos.

Infelizmente os recursos angariados na cidade eram qual uma gota dágua no mar, conforme o dizer de Juliano Leite, pois a nossa economia, alicerçada na pecuária e agricultura, frustradas naquele ano, não permitia larguezas de dádivas, pois todo mundo estava com "a corda no pescoço".

Contudo, as Comissões de Amparo aos Flagelados (1) realizavam milagres para sustentar aquele povão, comprando a crédito no Armazém de Francisco Romano da Ponte e na Farmácia do Jonas Monte, enquanto vinham os recursos pedidos às autoridades governamentais e aos sobralenses ilustres do Rio de Janeiro.

As providências do governo, como sempre, tardavam, porém um telegrama do sobralense Vicente Sabóia, comunicando haver conseguido da Companhia de Navegação "Ita" um cargueiro com destino ao Porto de Camocim, trazendo gêneros de primeira necessidade e remédios, deu grande alento.

Vicente comunica ainda haver remetido uma ordem de cinqüenta contos de réis e que estava "azucrinando" o Ministro José Américo no sentido de com urgência abrir frentes de trabalhos.

Em meados de abril ou maio, o carregamento chega a Camocim e ali o Ramos Fontenele faz o reembarque em trem cargueiro expresso, o qual chega a Sobral num fim de tarde.

O carregamento é armazenado num depósito na Praça da Santa Casa. Foi efetuado durante toda a noite, sob a superintendência e invejável dedicação de José Fabião de Vasconcelos e Antônio Félix Ibiapina, homens que nasceram para prestar favores.

Para maior comodidade e segurança dos trabalhos, Oriano Mendes mandou iluminar o local e prorrogou o fornecimento de energia elétrica até ao amanhecer, pois naquele tempo a luz se apagava às dez horas da noite, a não ser em casos excepcionais.

Naquela noite, constituía diversão ir espiar o descarregamento.

No Prado, o programa de assistência aos retirantes não sofria solução de continuidade, por maiores que fossem as dificuldades.

Dava gosto ver as filhas de Sobral, sem diferença de posição social, irmanadas no trabalho de distribuição de alimentos e tratamento dos doentes e crianças.

Também em quase todas as casas confeccionavam-se roupas para os flagelados, os quais chegavam cobertos de trapos que mal davam para cobrir as vergonhas.

O tecido necessário era fornecido por Da. Chiquinha Sabóia, proprietária da Fábrica Sobral, cuja razão social era Viúva Ernesto & Sabóia.

Depois de muita demora, vem ordem do governo para o início de obras da Estrada de Ferro, o fornecimento gratuito de passagem para quem desejasse trabalhar no Amazonas e a abertura do voluntariado para compor os célebres batalhões provisórios, a fim de brigarem contra uma revolução que estava havendo em São Paulo (2).

Ficaram em Sobral somente os incapazes fisicamente e como alguns destes que não queriam se submeter às ordens usadas no Prado, perambulavam pelas ruas pedindo esmolas, fazendo concorrência aos nossos tradicionais mendigos, que eram os seguintes:

O megalomaníaco André, que dizia serem as enchentes do Rio Acaraú função direta da micturição de suas irmãs que moravam nas nascentes do rio; o apocalíptico Zé-Quereis, que pregava o fim do mundo; o desaforadíssimo João Pé de Burro, que por tudo se zangava; a irreverente Bibiana, cujo linguajar era impróprio aos ouvidos das senhoras e senhoritas e, por fim, o respeitável Romaco Pereira Homem (3), veterano da Guerra do Paraguai, tendo se alistado voluntariamente com quinze anos incompletos, logo no começo de 1865.

O velho soldado responsabilizava o regime republicano implantado em 15 de novembro de 1889 por tudo de ruim que acontecia no Brasil.

Reclamava contra a carestia e o atraso de pagamento de sua "micha" pensão militar, a qual para ser recebida era necessário dar incômodo ao seu procurador, o senhor Antônio Pereira de Menezes.

NOTAS

1 — A Comissão de Amparo aos Flagelados era assim constituída:
Da. Sinhá Sabóia (esposa do Dr. José Sabóia), Anahid P.P. de Antônio (esposa de José Leôncio de Andrade), Naninha R. de Andrade (esposa do Dr. Francisco Ju-

vêncio de Andrade), Mimi Marinho de Andrade (esposa do Dr. Manoel Marinho de Andrade), Totônia Figueiredo (esposa do Dr. Antônio P.P. de Figueiredo), Marfisa Mont'Alverne (viúva de Antônio Mont'Alverne), Lili Azevedo (esposa do Ad. José Custódio de Azevedo), Mimi Sabóia (esposa de Flávio Viriato de Sabóia), Arolisa Quixadá Aragão (esposa de Júlio Aragão) e os médicos Dr. Manoel Marinho de Andrade, Dr. José Jácome de Oliveira e Dr. Ruy Monte.

2 — O jornal "A Ordem", em data de 13/7/1932, traz a notícia seguinte: "A Prefeitura Municipal de Sobral está recebendo, desde já, voluntários, de preferência reservistas para o 23.º BC, corpo provisório. Não há convocação de reservistas; aceita-se somente quem se apresentar voluntariamente.

Nota da Redação — Ao apelo acima atendera, corajosa e elegantemente, centenas de patriotas."

3 — "A Ordem" em data de 15/5/1930, artigo de Eudes Carneiro "Um Herói Esquecido".

Observação — Os jornais acima referidos encontram-se na Hemeroteca da Universidade Vale do Acaraú-Sobral CE.

II

O VOLUNTÁRIO

Romaco, com lucidez e riqueza de detalhes, costumava narrar as aventuras que ele e os Voluntários alistados em Sobral viveram naqueles cinco anos na Guerra do Paraguai.

Assim ele contava:

"Até então o Recrutamento era feito à força d'armas e sob a direção do Partido Político que estivesse no poder, que disso se aproveitava para exercer vinganças ou atemorizar o adversário apeado do governo. Recrutavam sem respeitar a idade, condições físicas ou a qualidade de arrimo de família. Quem não quisesse ir por gosto, ia amarrado."

Em boa hora o Governo Imperial promulga o Decreto 3.371, regulamenta e cria nas Comarcas, Comissões de Alistamento e Recebimento de Voluntários. Permite ainda o credenciamento de pessoas de comprovado bom conceito para angariar Voluntários.

Em Sobral foi criada a Comissão seguinte: (1)

Tenente-Coronel José Sabóia, Domingos José Pinto Braga, Dr. Francisco de Paula Pessoa Júnior, Major Miguel Francisco do Monte, Capitão Francisco Marçal de Oliveira Gondim e Vicente Ferreira de Paiva.

Foram ainda credenciados para angariar voluntários o Tenente José Peregrino Viriato de Medeiros e Francisco Sobralino de Albuquerque.

Na sessão de 10 de março de 1865, a Câmara de Sobral deliberou em dar-se todo o apoio pedido pelo Presidente da Província em ofício de 6 de fevereiro do ano corrente. Foi ain-

da acertado que se empregassem os meios necessários para conseguir o alistamento de Voluntários da Pátria, fazendo-se para isso uma proclamação aos povos dos municípios. Na mesma sessão foi combinado promover-se subscrições para a sustentação das famílias pobres dos voluntários, nomeando-se para distribuidor das mensalidades um tesoureiro idôneo. (2)

Na Sessão Ordinária de 8 de abril de 1865 foi nomeado para Tesoureiro e Distribuidor das mensalidades a que tinham direito de serem socorridas as famílias dos Voluntários da Pátria, o Senhor Major Miguel Francisco do Monte. (3)

Os vereadores Padre Vicente Jorge de Souza, Domingos Patriolino de Albuquerque, Jerônimo José Figueira de Melo, Antônio Ferreira da Rocha e Thomás Paula Pessoa, tomaram-se de grande entusiasmo pela causa do voluntariado. Promoveram passeatas e comícios onde se ouviam oradores, cada qual mais inflamado.

O Padre Vicente Jorge, até mesmo nas Missas, falava das atrocidades que o "anticristo" Francisco Solano Lopez, ditador da República do Paraguai, vinha praticando nas nossas terras fronteiriças invadidas à traição. Ele mostrava ainda as vantagens que o Decreto Imperial 3.371 concedia a quem se alistasse voluntariamente. Tais vantagens eram: soldo acrescido de trezentos réis diários, trezentos mil réis quando dessem baixa, direito a um prazo de terra de vinte duas mil e quinhentas braças quadradas nas Colônias Militares e Agrícolas, direito aos empregos públicos de preferência em igualdade de habilitação a quaisquer outros indivíduos, pensão militar para a família do voluntário que falecer em batalha ou em conseqüência de ferimentos recebidos e soldo dobrado ao voluntário inutilizado. Terminava por dizer que tais vantagens nada representavam perante o dever de defesa da Pátria.

A rapaziada ficou toda assanhada, apresentando-se em grande número como voluntário. O Recrutamento não fazia mais medo. Temia-se agora era que o furdunço se acabasse antes de a gente chegar a este tal de Paraguai.

Os Vonluntários, trazendo no braço uma chapa de metal amarelo com a Coroa Imperial, tendo em baixo as palavras Voluntários da Pátria, pavoneavam-se pelas ruas e no Mercado. Ali, a moçada, especialmente depois de tomar algumas bicadas, prometia trazer o Lopez e seus Grandes, inquiridos e tangidos como bodes, para exibi-los debaixo dum tamarineiro existente na parte poente do mercado onde eram amarrados os cargueiros feirantes. De todas as classes e lugares apresentavam-se voluntários pedindo a honra de alistarem-se Em poucos dias, já estavam reunidos e prontos para seguirem para a Capital da Província setenta e nove homens, sendo: trinta e seis, reunidos pela Comissão de Voluntários, vinte e cinco por José Peregrino Viriato de Medeiros e dezoito por Francisco Sobralino de Albuquerque (4)

Alistei-me como Voluntário no Troço do Tenente José Peregrino Viriato de Medeiros.

NOTAS

1 — "O Cearense" em data de 18/2/1865. Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Fortaleza - CE.
2 — Livro de Atas da Câmara de Sobral, ano 1863 a 1867, folha 67. Centro de Pesquisas da Universidade Vale do Acaraú-Sobral CE.
3 — Livro de Atas da Câmara de Sobral. Anos de 1863 a 1867 folha 69 v. Centro de Pesquisas da Universidade Vale do Acaraú-Sobral CE.
4 — "O Cearense" em data de 05/11/1865. Biblioteca Pública Menezes Pimentel. Fortaleza - CE.

III

RUMO À CAPITAL DA PROVÍNCIA

No dia 20 de março de 1865, ao quebrar da barra e depois da missa e comunhão oficiadas pelo Padre Vicente Jorge de Souza, tomamos caminho com destino à Capital da Província do Ceará, a Cidade de Fortaleza.

Antes de atravessarmos o Rio Madeira começou a nos "peiticar" uma chuvinha fria e insistente. Um dos Voluntários, o José Soares de Souza Fogo (1), com gaiateza conforme era seu feitio, diz alto: "Não é nada, não, meus pôvos, é apenasmente o céu que está chorando por nós". Embora aquilo tenha servido para pé de galhofas e risadarias, pois todo mundo queria esconder a grande saudade que nos catucava dentro dalma, hoje pode-se dizer que era um mau presságio da natureza, porque daqueles homens que ali seguiam regressariam apenas cinco com vida. A doença dos bofes, as bexigas, a cólera e até as "doenças do mundo" acabaram com um bocadão e os paraguaios com outra boa parte.

Chegamos ao povoado de São José não estando o sol muito alto. Como era cedo para o almoço, embora os carros de bois com os mantimentos já ali tivessem chegado, tivemos licença para descançar. Aproveitado o descanso, fui com alguns camaradas, sendo um deles o Ricardo Ferreira Gomes, tomar banho. Embora os rios ainda não tivessem tomado água, pois o inverno estava de começo, havia nas redondezas diversas ipueiras e poços. Mais tarde, até hoje uma destas ipueiras ficou conhecida como "Poço da Paraguai" (2). A razão disto daria um grande romance. Como é uma história muito longa, vou contar apenas uma pequena parte. Foi o seguinte: Ri-

cardo foi um dos cinco voluntários que voltaram da guerra. Em 1870, terminada a luta, foram arrebanhados para o 26.º, todos os voluntários do Ceará, distribuídos por diversos Corpos (3), a fim de regressarem à Pátria. Refez-se assim o total efetivo do nosso querido Batalhão, já bastante desfalcado pelas doenças e pelos diversos combates, especialmente o de Itororó e Avaí, cujas perdas foram estimadas em 80%.

No ponto de embarque, em Humaitá, Ricardo pede permissão para trazer consigo uma moça paraguaia. A Comissão de Embarque, por questões regulamentares, opôs-se ao embarque, pela razão de não serem casados. O voluntário com sua coragem peculiar, não seguindo os canais competentes, dirige-se diretamente ao Comandante do Batalhão, Coronel Antônio Tibúrcio Ferreira de Souza. Diante dos argumentos do soldado e da sua promessa que casaria ao chegar ao Ceará, Tibúrcio dirige-se ao Oficial Ajudante: "Transmita a quem de direito que a moça paraguaia pode embarcar, sob a minha ordem e responsabilidade". Em seguida, encara ele a Ricardo e com sua voz rouquenha e sua pessoal secura diz: "Sei muito quem és. Dizem teus superiores e companheiros que nos combates te comportavas com valentia fora do comum e fora deles, um verdadeiro cristão, pois eras um dos primeiros a se oferecer para as missões de enterrar os mortos ou carregar as padiolas com os feridos ou pesteados. Pode retirar-se, Deus te abençôe". (4)

Chegando ao Ceará, Ricardo e Maria Custódia Vinita casaram-se em 7 de agosto de 1870, na Fazenda São João, Paróquia de Santa Quitéria (5).

Mais tarde o casal veio residir em São José e ali Maria Vinita morreu afogada numa daquelas ipueiras, a qual o povo passou a chamar "Poço da Paraguaia".

Ao voltarmos do banho, já estava o Tenente Peregrino ordenando a formatura para em conjunto rezarmos o "Terço". Na Capela de Nossa Senhora da Conceição ali existente, fizemos respeitosamente a oração, oferecida a São José, protetor dos peregrinos.

Em seguida, foi distribuída a "bóia", e quando o sol começou a baixar, prosseguimos a marcha para Santana que foi atingida na boquinha da noite. Ali bivacamos embaixo dumas frondosas oiticicas. Jantamos e passamos a noite até o segundo cantar dos galos, quando reiniciamos o deslocamento. Isto assim foi feito rotineiramente até a Vila de Imperatriz, hoje chamada Itapipoca. Dali por diante a viagem tornou-se um osso duro de roer, pois o inverno pegando com fé obrigava o pessoal a ajudar os bois de tração a tirarem os carros dos atoleiros e aguadas.

Bem mais adiante, na passagem do Rio Anil, batendo numa pedra coberta pela água, um dos carros esfacheou o eixo. Não havendo madeira de serventia na redondeza, tivemos a felicidade de saber, por uns "comboieiros" que por ali passavam, que no povoado Siupé, distante mais ou menos duas léguas e meia, poderíamos obter recursos recorrendo ao Capitão Raimundo Leitão Alcântara, ali morador, pois ele era possuidor de carros de bois.

O Tenente Peregrino determina a mim e mais quatro voluntários para acompanhá-lo a fim de trazermos a peça que necessitávamos.

Ao chegarmos ao povoado, o Capitão Raimundo Alcântara atendeu com larga fidalguia e foi logo dizendo que o preço do eixo era o de lhe darmos o prazer de aceitar o seu pobre almoço, o qual estava quase pronto, pois um dos negros do "comboio", vindo por um atalho, há muito ali havia chegado e avisado da nossa vinda.

Enquanto aguardávamos a comida, foi servida uma deliciosa cachaça feita de caju, destilada em alambique de barro. Aparentemente, a aguardente dava a se pensar que era bebida de Dama, porém ao bater no bucho fazia correr uma quentura pelo corpo todo.

Com pouco tempo foi posto o "dicomer" que nada tinha de pobre como modestamente o Capitão havia dito, pois havia muitas versidades de carnes e peixes que a gente nem sabia o

que escolher. O pessoal entrou com fé no peixe, especialmente num tal de "chambiritó" de camurupim com pirão de farinha.

O Capitão, homem muito comunicativo, enquanto ali estávamos, não parou de conversar. Disse ter nascido na Serra da Meruoca, no lugar que hoje chamam São José dos Alcântaras, e que em sua mocidade, tomado pelo fogo patriótico do desejo de todo mundo almejar a completa libertação do Brasil de Portugal, fez parte do Contingente que saiu de Sobral para combater no Piauí contra o Fidié, comandante da Tropa fiel ao Reino de Portugal. Contou sobre o combate do Rio Jenipapo, perto da Vila de Campo Maior, em cujo combate preamos a rica bagagem do inimigo. Esta bagagem foi trazida para Sobral, onde foi posta em Hasta Pública (6).

Não bem terminada a narração, o Capitão entra com talento na história dos chãos onde hoje está construída a Cidade de Sobral.

Chãos estes doados por Quitéria Marques de Jesus e seu marido Antônio Rodrigues Magalhães.

Sobre o casal, foi contado o seguinte:

"Quitéria, ainda minha parenta pelo ramo do pai dela, nasceu aqui no Siupé. Era filha legítima do Sargento Mor Antônio Marques Leitão e Dona Apolônia da Costa.

Antônio Rodrigues Magalhães nasceu na Província do Rio Grande do Norte. Era filho legítimo do Coronel Luiz de Oliveira Magalhães e Dona Isabel Gonçalves.

Lá pelo ano de 1720, veio Antônio para Santa Quitéria a fim de ser vaqueiro da Fazenda Juriti, pertencente ao seu cunhado, o Sargento Mor João Pinto de Mesquita.

Antônio Rodrigues Magalhães, além da vaqueirice, anualmente levava para a Província de Pernambuco gados e animais para comercialização, trazendo por mar produtos do Reino de Portugal e açúcar. O desembarque se fazia em Acaraú e dali demandava o sertão. Graças a sua honestidade e bom tino comercial, conseguiu com seu cunhado uma certa importância para operar por conta própria.

Aconteceu que numa das viagens de regresso ao Ceará, a embarcação acossada por forte tempestade e já com pequena avaria, entra na Barra do Siupé, à procura de recursos, já em terras do Sargento Mor Antônio Marques Leitão e quase náufrago é socorrido dum tudo, tendo ainda a felicidade de dar com os olhos na bonita jovem Quitéria, com a qual tempos depois casa-se. O casamento realizou-se no dia 5 de maio de 1738 na Capela de Nossa Senhora da Soledade, aqui no Siupé, onde o casal ficou residindo até 1751 quando se mudou para a Fazenda Caiçara. Durante este prazo de tempo, Antônio Rodrigues Magalhães continuou com seu comércio para Pernambuco, trazendo porém as mercadorias para desembarque, aqui no Siupé onde naquele tempo a Barra oferecia boas condições para a navegação.

Como o comércio de gados começou e aruinar, pois os bichos com a grande travessia perdiam peso, não podendo concorrer com os que vinham de mais perto e ainda pelos pesados impostos, conhecidos como "Imposto do Sangue", Antônio Rodrigues Magalhães atinando que a nossa "carne seca" tinha boa aceitação, passou a negociar com tal produto e ainda com solas, couros salgados, peles de criação e polvilho, ou seja, a nossa goma de mandioca. Tanto estas mercadorias como as que vinham de Pernambuco, passaram a ser embarcadas e desembarcadas aqui na Barra.

Não sei porque, disse o Capitão Alcântara, Antônio Rodrigues Magalhães resolveu deixar tal atividade, mudando-se para a Caiçara.

Esta terra e outras a ela vizinha, faziam parte da Sesmaria doada a Leonardo Sá e Antônio da Costa Peixoto, este último, avô materno de Quitéria."

Mais tarde, já estando o sol bastante inclinado para o poente, regressamos ao ponto onde ficou o grosso da Tropa. Ali tiramos uma ligeira dormida, e ainda não estando o "Sete Estrelo" no meio do céu reiniciamos a marcha.

Rompendo atoleiros e passando aguadas, ao cabo de dois dias e meio chegamos finalmente a Soure, última etapa para

a Capital, donde distava duas léguas. Deixamos os carros de bois para dali regressarem a Sobral.

Em canoas atravessamos um rio que tem o nome de Maranguapinho, e finalmente no dia 7 de abril (7) entramos em Fortaleza. Logo na entrada da cidade, havia um mundão de gente e a Banda de Música do Corpo Policial que nos esperavam. A Banda postou-se à nossa frente, abrindo a marcha até o Palácio do Presidente da Província. Por onde passávamos, o povo gritava vivas aos sobralenses e as damas nos rebolavam flores. Isto nos dava um aperto na garganta e até uma certa vontade de chorar, pois aquelas homenagens comoviam a qualquer cristão.

Fizemos alto em frente ao Palácio Presidencial. Ali diversos oradores nos saudaram. Por fim, o Tenente José Peregrino agradecendo em nosso nome, terminou pedindo a graça de acompanahr seus homens até aonde eles fossem.

Finalizados os festejos, deslocamo-nos para o Quartel da Guarda Nacional para aguardar o embarque para a Corte.

NOTAS

1 — F. Magalhães Martins — Delmiro Gouveia Pioneiro e Nacionalista.

2 — O "Poço da Paraguaia" fica hoje em terras pertencentes ao Sr. José d'Assunção de Andrade.

3 — Baseado em trabalho do Barão de Studart, o Ceará enviou para a Guerra do Paraguai um total de 5.802 homens, sendo 80 oficiais e 5.722 praças.

4 — Conforme depoimento pessoal do Sr. Francisco Messias Rodrigues, grande conhecedor das antigas histórias de São José, hoje Patriarca, Ricardo Ferreira Gomes, homem preto e de físico forte, era filho de antigos agregados da família Ferreira Gomes, da qual adotou o sobrenome, o qual não desonrava, pois era homem bastante conceituado, caridoso, e que embora com modéstia costumava contar casos da Guerra do Paraguai, especialmente do seu entendimento com Tibúrcio.

5 — Certidão de casamento de Ricardo Ferreira Gomes e Maria Custódia Vinita, Diocese de Sobral — Paróquia de Santa Quitéria, livro 3, folha 62, ano de 1867 a 1876.

6 — Abdias Neves "A Guerra do Fidiê" — 2.ª Edição, 1974, folha 126.

7 — Jornal "O Cearense" de 8/4/1865 — Notícia a chegada em Fortaleza no dia anterior, do Tenente José Peregrino Viriato de Medeiros, conduzindo 25 homens, inclusive um seu filho — Biblioteca Pública Menezes Pimentel em Fortaleza CE.

IV

IMPRESSÕES DO VOLUNTÁRIO ROMACO SOBRE FORTALEZA

Enquanto aguardávamos o embarque para a Corte, "batíamos pernas" pela cidade.

Não sei por que nós "matutos" tínhamos o pensamento de que uma Capital de Província fosse uma cidade grandona, cheia de majestosos sobrados e que todo o mundo fosse rico ou pelo menos arremediado, não havendo pobreza ou miséria. Cedo perdemos nossa ilusão, pois a Capital, naquele tempo, era uma cidade comum às suas irmãs do interior e em muitos pontos a elas inferior. Assim diziam os Voluntários vindos do Aracati, Icó e Sobral.

Vejamos se eles tinham razão.

Havia relativamente poucos sobrados e as casas de tijolos eram pequenas, baixas e com beira e bica, sendo construídas umas pegadas nas outras.

As ruas seguiam traçado bem esquadrejado, excetuando-se as mais antigas, cujas casas foram construídas acompanhando o Riacho Pajeú, para o qual tinham os fundos, ou seja, o quintal.

As principais ruas eram:

No sentido do mar para o sertão: Rua Nova do Outeiro (1). Rua da Ponte, uma das mais antigas, que tinha várias denominações. Partindo da praia até o Largo da Sé, chamava-se Rua da Ponte. Daí por diante, cerca de 300 metros, era a Rua da Matriz ou Rua de Baixo e daí por diante era denominada Rua dos Mercadores (2). A Rua dos Quar-

téis (3). A Rua das Belas (4), à qual, depois da Praça Pedro II (5) chamavam das Pitombeiras. Rua da Palma, até a Praça Pedro II, e daí por diante conhecida como Rua do Fogo (6). A Rua Formosa (7). A Rua Amélia (8) e a Rua da Cadeia (9).

Quanto às que tinham o sentido nascente-poente, vinham:

A Rua da Praia ou Rua da Alfândega (10). Travessa do Quartel ou da Misericórdia (11). Travessa da Sé, que no trecho ao lado da Igreja chamavam Beco das Almas (12). Travessa das Belas ou da Assembléia (13). Travessa Municipal (14). Travessa do Cajueiro (15) e a Travessa São Bernardo (16).

Os limites da cidade eram com a Rua Nova do Outeiro e Travessa São Bernardo. Dali por diante, abundavam os casebres de palha ocupados pela população bastante pobre e pelas "cutruvias" cujo número vinha aumentando sempre desde a seca de 1845. Depois da Rua da Cadeia vinham as chamadas "Chácaras" de Jacarecanga, pertencentes aos ricos.

Nas casas que davam os quintais para o Riacho Pajeú, que era sempre corrente, os moradores utilizavam suas águas para as serventias domésticas. Quanto às outras, tiravam-nas de cacimbas em seus quintais. Os ricos que possuíam escravos mandavam buscar a água para beber no Jacarecanga.

As sugidades domésticas eram enterradas ou então levadas pelos cativos, em "Quimoas", para despejo no mar.

Havia, se não me engano, quatro igrejas. Estas, como a cidade, eram de arquitetura pobre. Em frente à Igreja Matriz, havia um Cruzeiro onde todas as noite era tirado o Terço com bastante devoção e freqüência.

O comércio era bastante "mixuruca", pois a Capital, talvez em conseqüência de seu Porto de difícil acesso, contava somente com uma freguesia restrita aos maciços de Baturité e Uruburetama e os tabuleiros arenosos de Aquiraz, Cascavel, Soure e São Gonçalo, zonas naquele tempo bastante pobres.

Icó, Aracati e Sobral, os dois primeiros dispondo de Porto na foz do Jaguaribe e Sobral com o de Acaraú, exportavam

seus produtos agropecuários para as províncias vizinhas e até para o estrangeiro, recebendo açúcar, ferragens e objetos de luxo. Tais produtos eram negociados no vasto sertão da nossa Província. Os comerciantes daquelas cidades obtinham notáveis lucros, criando-se entre seus filhos uma mentalidade de orgulhoso bairrismo.

Ouvi muito "bate-boca" entre os voluntários de Aracati, Icó e Sobral, cada qual querendo que sua cidade fosse a mais adiantada e galante.

Os aracatienses eram os mais exaltados. Falavam do adiantamento comercial, dos seus sobrados de azulejos e do seu próprio Porto, cousa que Sobral e Icó não possuíam. Isto deu vazas a que um filho de Icó se saísse com o seguinte "relaxo":

São João disse
São Pedro confirmou
Aracati tem Porto
Porque o Diabo para
Roubar cargas de Icó
planejou.

Isto quase deu briga, caso o Sargento de dia não tivesse acudido a tempo, fazendo os valentões entrarem de sentinela, a fim de esfriarem o sangue. Depois do castigo, os dois brigões tornaram-se grandes amigos. Morreram juntos quando fomos serpreendidos no avanço em Estero Belaco. Não sei o nome deles, pois eram conhecidos um pelo apelido de "mambira',' por ter os braços longos, e o outro por "gavião" porque tinha o nariz parecido com o bico daquela ave.

Quanto ao povo de Fortaleza, era gente muito dada a fazer amizade, alegre e trocista. Mais tarde, nos combates, os voluntários da Capital mostraram ser homens valentes ao extremo.

NOTAS

1 — Hoje Governador Sampaio.
2 — " Av. Alberto Nepomuceno, seguindo-se a Conde d'Eu, que mais adiante toma o nome de Sena Madureira.
3 — " General Bezerril.
4 — " Floriano Peixoto.
5 — " Praça do Ferreira.
6 — " Major Facundo.
7 — " Barão do Rio Branco
8 — " Senador Pompeu.
9 — " General Sampaio.
10 — " Pessoa Anta.
11 — " João Moreira (Dr.).
12 — " Castro e Silva.
13 — " São Paulo, seguindo-se a Visconde de Sabóia.
14 — " Guilherme Rocha.
15 — " Liberato Barroso.
16 — " Pedro Pereira.

V

VIAGEM PARA A CORTE

Ajuntados com outros voluntários já aquartelados, embarcamos no navio Cruzeiro do Sul, no dia 2 de maio de 1865, com destino à Corte.

Somávamos duzentos homens, constituindo o segundo contingente de voluntários do Ceará. Comandava-nos o Tenente José Peregrino Viriato de Medeiros.

Não bem saímos de águas do Ceará, o mar enfarruscou-se. A ventania, acompanhada de grossa chuva, corisco e ondas mais altas do que o sobrado do Major João Pedro Bandeira de Melo (1), fazia temer a naufragação do barco.

Todo o mundo ficou mareado.

Como não há mal que não se acabe, felizmente a borrasca foi amainando e chegamos ao Recife, Capital da Província de Pernambuco, fazendo tempo limpo.

A cidade era bem cuidada e o povo muito parecido com o de Sobral. O Alferes José Augusto da Frota Menezes, pessoa de muito saber, explicava que tal parecença era em virtude de os povoados da Ribeira do Acaraú terem suas raízes pernambucanas.

É interessante abrirmos aqui um parêntese nas memórias de Romaco, focalizando o Alferes José da Frota Menezes.

Nasceu a 4 de janeiro de 1841 em Santana e faleceu solteiro, pobre e esquecido, na cidade de Fortaleza, no dia 7 de julho de 1900.

Foi um dos vinte e cinco voluntários angariados em Sobral, pelo Tenente José Peregrino Viriato de Medeiros, de conformidade com o Decreto Imperial n.º 3.371.

Na Ordem do Dia n.º 454, da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, de 21 de junho de 1865, na Relação dos Oficiais nomeados em comissão, para o 26.º Corpo de Voluntários, folha 319, consta: "Para Alferes Secretário, o voluntário José Augusto da Frota Menezes".

Comportou-se ele com valentia e sangue frio nos diversos e sangrentos combates em que o 26.º participou, sendo ferido gravemente na Batalha de Itororó, ficando inválido.

No intervalo da luta, Frota Menezes, dedicava-se com zelo incomum às suas funções de Secretário do Batalhão, encontrando ainda tempo para manter correspondência com amigos que ficaram em Sobral.

Uma de suas cartas, de grande valor histórico, acha-se transcrita no jornal "A Consciência", publicado em Sobral no dia 1.º de setembro de 1867, existente na Hemeroteca de Unversidade Vale do Acaraú.

Vejamos o que diz o nosso "Correspondente de Guerra":

"Acampamento em Tuiuti, 5 de julho de 1867.

Amigo Joaquim Januário, adeus.

Neste mez, segundo vão as cousas, temos forte operação de guerra: O 1.º corpo de exército está desembarcando aqui, ele tem de ocupar o lugar que ora ocupamos e nós marchamos pela direita nestes dois ou três dias, a cortar a retaguarda do exército inimigo; desde o dia 1.º deste que tivemos ordem para recolher toda a bagagem ao depósito do Passo da Pátria; estamos pois com a roupa do corpo, esperando somente a voz de marcha.

Há dias que subiu o Balão ao ar, para experiência, segundo me parece; estão guardando-o para no dia do ataque observarem os movimentos do inimigo.

O "cólera-morbus" já está inteiramente extinto por aqui.

As novidades não aparecem mais.

Como me pedes notícias de rapazes conhecidos daí, vou dar-te somente dos que sei, por sermos do mesmo Corpo:

José Balduino — Tenente (hoje) e Agripino, Alferes, vão indo muito bem e mais nenhum conhecido há por cá.

O Vicente Ferreira (Birimbau), suponho que já lhe mandei dizer, sendo ferido na Batalha de 24 de maio de 1866, e baixando ao Hospital de Sangue em Corrientes, consta no Corpo a sua morte.

Nada mais, dispõe de teu colega e amigo

José Augusto da Frota Menezes."

Observação do autor

A carta supra focaliza:

a) O próximo início da célebre "Marcha de flanco" idealizada e posta em prática pelo Comandante Geral Marquês de Caxias, cujo início foi a 27/7/67;
b) Utilização de Balão para observar os movimentos do inimigo;
c) Notícia do desaparecimento do "cólera-morbus";
d) Os rapazes ainda hoje podem ser identificados, a saber: José Balduino (de Albuquerque), filho de Domingos Jesuíno de Albuquerque e Maria Teodora de Albuquerque, voltou da guerra como Major.

O Alferes AGRIPPINO, cujo nome completo era AGGRIPINO BOISSELOT DE MARAVALHO, da conhecida família sobralense dos "Maravalhos". Sobre ele, na Ordem do Dia n.º 30, em janeiro de 1867, consta: S. Excia. Sr. Marquês de Caxias, Marechal e Comandante em Chefe, manda fazer constar ao Exército que mandou hoje prender o Sr. Alferes do 26.º Corpo de Voluntários da Pátria, AGGRIPINO BOISSELOT DE MARAVALHO, que comandava guarda de transporte, por encontrá-la com falta de soldados e alguns descalçados, mostrando assim esse oficial o seu nenhum zelo e cuidado.

Quanto a VICENTE FERREIRA (Birimbau), sendo seu nome completo VICENTE FERREIRA FILHO DE MARIA, ocupava o posto de 2.º Sargento da 7.ª Companhia do 26.º Corpo

de Voluntários da Pátria. Alistou-se como voluntário na tropa do Tenente José Peregrino Viriato de Medeiros.

Na Ordem do Dia n.º 525 da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, em data de 1.º de agosto de 1866 à folha 589, na Relação dos Feridos na batalha de 24 de maio, consta o seu nome.

Faleceu ele no Hospital de Sangue em conseqüência dos ferimentos, conforme se referiu o Alferes José Augusto da Frota Menezes.

Continuemos com as narrativas de Romaco:

No Recife, nossa demora foi curta e à noitinha levantamos ferro, como dizem os marujos.

Tomamos o rumo de São Salvador, capital da Província da Bahia, a qual atingimos depois de dois dias e meio de viagem.

Logo no Porto demos com vista nas faladas baianas, usando roupas e adereços bastante característicos.

Em taboleiros elas vendiam uma imensidão de guloseimas, que pagando um xenxém (2) podia o freguês comer até empanturrar. A não ser os doces, as comedorias eram terrivelmente apimentadas e caso pedisse quente era mesmo que comer brasa.

Delmiro Porfírio de Farias (3), nascido em Ipu e alistado como voluntário na tropa do Tenente José Peregrino, em Sobral, embora já Alferes, pagava comida com o fim de se divertir, pois ninguém tinha costume a tanta pimenta e ao primeiro bocado sai "arrepunando". Isto era pé para rizadarias e mangações.

Delmiro era um verdadeiro Pedro Malasarte para pregar peças até mesmo aos superiores. Fora disso, era um bom camarada e chefe, sendo valente que nem onça de resguardo. Todas as suas promoções, a partir de Tenente, foram por atos de bravura. Morreu heroicamente como Capitão-Mandante, em Caimbocá, onde sua pequena tropa foi surpreendida pelo inimigo, em 2 de dezembro de 1867. Morreu matando (4).

Foi promovido a Major *post mortem*.

Em São Salvador, como a demora do navio foi maior, tivemos tempo de perambular pela cidade. Fomos primeiramente conhecer as Igrejas que são de uma alta riqueza, o que contado não se acredita. Os altares são folheados de ouro e os santos de uma galantaria de pasmar.

No pátio da Igreja do Senhor do Bonfim, "trocamos" medalhas e escapulários.

"Troquei" uma medalha de Nossa Senhora da Conceição, de prata maciça e que deveria ter um peso para mais de uma "onça". Fiz tal "troca" porque, desde "piá", sempre fui devoto da Santa Mãe Divina, jamais deixando de invocar sua proteção. Pois bem, no combate de Itororó, onde perdemos grande parte do nosso Batalhão, já na última arremetida para tomar a Ponte, vem uma "disgana" de bala inimiga que pegou bem de cheio na Santa Medalha e embora a tenha atravessado, penetrou um pouco na carne, não tendo porém sustança para entrar no osso da "titela", o qual os doutores chamam de "esterno".

Bem, voltemos à Salvador. Depois de deixarmos a Igreja do Senhor do Bonfim, resolvemos espiar os "capoeiras", folguedo já desaparecido de Sobral, em face da perseguição da polícia que fazia constantes sortidades nos terreiros e triste do negro que fosse preado. Davam-lhe uma terrível tunda de facão "rabo de galo" que ficava como lembrança por toda vida. Dizem que o Coronel Joaquim Ribeiro era um grande inimigo dos "capoeiras" ou de qualquer folguedo de negro.

Quando o sol começou a declinar, voltamos para bordo. Na boca da noite, zarpamos. A não ser uma nova procela que pegamos na altura dum tal de abrolhos, pode-se dizer que o restante da viagem decorreu sem novidades.

Chegamos finalmente à Corte no dia 18 de maio de 1865 e ao desembarcarmos seguimos diretamente para a Praia Grande, em Niterói. Ali aquartelamo-nos no Asilo Santa Leopoldina.

Neste aquartelamento começa um sério sofrimento para os cearenses, o frio, que dali por diante nos judiou bastante.

Como os nossos vestimentos não eram próprios para o clima e tendo tardado as providências do Ministério da Guerra para suprir-nos de capotes, cobertores ou outra qualquer peça contra o frio, a tropa começou a ficar pesteada com um terrível defluxo, acompanhado de febre. Em alguns o mal se agravou bastante, transformando-se em pneumonia, que fez as primeiras mortes.

O Tenente José Peregrino ficou seriamente enfermo.

NOTAS

1 — D. José Tupinambá da Frota — "História de Sobral", 2.ª edição, 1974, página 405, refere-se: Em 1844 o Major Pedro da Cunha Bandeira de Melo começou a construir o sobrado. Atualmente é ocupado pelo Museu D. José.

2 — Moeda de cobre que naquele tempo circulava no Brasil. Tinha o valor de dez réis.

3 — Gustavo Barroso em "A Guerra do Lopez", no capítulo — A surpresa de Caimbocá, conta: "Relata o Diário do Exército de 2 de dezembro de 1867 que o Capitão Mandante, Delmiro Porfírio de Farias, morreu em combate em conseqüência de mais de seis golpes na cabeça e vários no corpo, tinha o crânio partido.
...e os veteranos de guerra que conseguiram voltar contam que o Capitão Mandante Delmiro estava morto e em volta dele mais de dez cadáveres inimigos. Morreu matando.

VI

AO PONTO DE CONCENTRAÇÃO NO ESTRANGEIRO

A República da Argentina e a do Uruguai, que também tiveram seus territórios invadidos por tropas de Solano Lopez, firmaram com o Império do Brasil, em data de 1.º de maio de 1865, o Tratado da Tríplice Aliança, em Guerra Contra o Governo do Paraguai.

Em território daquelas nações aliadas, o Brasil passou a concentrar suas tropas.

Em 6 de julho de 1865, o 26.º Corpo de Voluntários da Pátria, composto por gente da Província do Ceará, embarca no transporte São Francisco tendo como destino o ponto de concentração. O batalhão já embarca com um desfalque de vinte homens, uns mortos e outros hospitalizados em conseqüência da pneumonia. Dentre os hospitalizados achava-se o Tenente José Peregrino. Não podendo nos acompanhar, conforme era seu desejo, ao despedir-se do filho, o Alferes Antônio Viriato de Medeiros, recomenda-lhe: "Briga por mim e por ti, não me envergonhes". O rapaz tomou ao pé da letra a recomendação. Sua valentia era de pasmar, mesmo nas ocasiões mais difíceis. Morreu heroicamente na tomada da Ponte de Itororó, onde perdemos grande parte do nosso batalhão.

Durante a viagem, já subindo o Rio da Prata, um dos voluntários ao debruçar-se na amurada do navio perde o equilíbrio, caindo nágua. Não sendo bom nadador, estava a se afogar. Um dos nossos companheiros, o voluntário Francisco Pedro dos Santos, nascido em Sobral e criado em Acaraú, onde foi o primeiro a se alistar, pula no rio. Salva o companheiro. Por este ato de bravura e solidariedade humana é promovido

a Sargento e recebe a Medalha Humanitária de Primeira Classe. Na guerra, sua valentia foi uma constante. Em Itororó recebe cinco ferimentos, sendo obrigado a hospitalizar-se. Voltando às fileiras, continua com sua notável valentia. Foi um dos primeiros a escalar, acompanhado de seis soldados, as muralhas da parte norte do Forte de Perebebuí, sob intenso fogo inimigo. Terminada a guerra, voltou ao posto de Tenente. Permaneceu no Exército até o advento do Regime Republicano, quando se reformou como Capitão.

Depois do quase afogamento do Voluntário, a viagem decorreu sem novidades a não ser o frio terrível que sofríamos. Desembarcados em Montevidéu, primeiro ponto de concentração de nossas tropas. Ali assumiu o Comando do 26.º o Capitão do Exército de primeira linha, Francisco Frederico Figueira de Melo, comissionado em Major. Dias depois, reembarcamos para Salto e dali, novamente embarcados, atravessamos o Rio Uruguai para Concórdia, donde marchamos para acampar à margem do Juqueri Grande. Dias depois atravessamos este rio para acampar em Aiuí Chico, conforme determinação do Comandante Geral das Tropas Brasileiras, General Manuel Luiz Osório.

Ali se reuniram as Tropas Aliadas, ou seja, os brasileiros, argentinos e uruguaios, que obedecendo ao tratado da Tríplice Aliança ficaram sob o comando supremo de Bartolomeu Mitre, Presidente da Argentina.

O nosso corpo, o 26.º de Voluntários, foi incluído no efetivo da 10.ª Brigada de Infantaria, comandada pelo Tenente Coronel Carlos Resin, pertencendo ela à divisão sob o comando do General Alexandre Gomes de Argolo Ferrão.

Conforme mapa, o efetivo do 26.º devia somar 570 homens, inclusive a oficialidade. No momento, tal número devia ser muito menor, pois tínhamos muitos desfalques, os quais eram motivados por doença.

A tal pneumonia continuava a nos massacrar, trazendo uma terrível companheira que era a disenteria. Esta também levou muita gente ao hospital ou à vala.

Quem não estava no hospital, estava constantemente no mato fazendo precisões.

Apesar do sofrimento ainda havia voluntário que disso fazia motivo de galhofa. O Corneteiro José Leandro, caboclo das bandas da Serra do Rosário, não perdia ocasião quando arriava as calças, gritava: "Eu só queria era ver os grandes de Sobral (citava os nomes) nestes aperreios, especialmente quando não dá tempo para chegar ao mato e as calças cheias de...

O José de Souza Fogo, moço branco filho do Ipu, que em matéria de gaiateza sempre tinha uma tirada, retrucava: "Tem paciência camarada, pois em Sobral vão saber, pelas missivas do Alferes José da Frota Menezes, de que aqui está se passando.

Estando os remédios da Botica Militar, esgotados, todo o mundo recorria ao caldeirão de ervas da Gitana Maria Del Pillar, "china' do Sargento Sebastião Mina que usava como justa razão o complemento de sobrenome Figueira de Melo.

O Senhor Sargento Sebastião Mina Figueira de Melo, como assim exigia ser tratado, sua única vaidade, era irmão de leite do nosso Comandante, pois ambos nasceram em Sobral, quase na mesma data. Sua mãe era liberta, Josefa Mina, africana pura. (1)

A vida deles sempre correu paralela. Na meninice fazendo diabruras. Lutavam capoeira na areia do rio perto da Igreja da Sé, quando ele se encontrava seco ou atravessando durante as cheias quando havia inverno. Muitas vezes, altas horas da noite libertavam os escravos que estavam no "tronco", danação que uma vez foi descoberta e os jovens tiveram como castigo serem deportados para Olinda, na Província de Pernambuco onde continuariam seus estudos.

Quando Francisco Frederico foi recrutado para o Batalhão de Linha, por perseguição política, Sebastião consegue sentar praça como voluntário e assim os irmãos estiveram

sempre juntos nas muitas lutas e, se um era bravo, o outro era do mesmo quilate.

Dizem que na guerra contra Rosas, ditador da Argentina, Sebastião e Da. Maria Del Pilar conheceram-se e passaram a viver juntos com muito amor e dedicação de um ao outro. Também não podia ser de outro jeito, pois a Gitana além de sua bondade era uma pessoa muito bonita. Ainda hoje me lembro do tipo dela. Era uma mulher alta e esguia, pele morena cor de mel, olhos pretos penetrantes e um nariz um pouco apapagaiado o que nela dava uma certa graça. Tinha um sorriso franco exibindo uma dentadura de fazer inveja a muita dama fina. Vestia cores berrantes não dispensando adereços no pescoço, braços e até no tornozelo onde usava uma correntinha de ouro. Tinha no vestiário um destoante, era um comprido chicote de couro trançado, amarrado na cintura como o cordão que os frades usam. Ela como muitas "chinas", acompanhava seu homem durante os combates. Sua única arma era o tal chicote com o qual realizava cousas incríveis como laçar e tomar armas ou derrubar o inimigo que vinha montado. Falava-se que bala comum não pegava nela e que para atingí-la só se fosse bala de prata e que tivesse recebido oração de cigano. Corria fama as garrafadas que ela preparava. Em pouco tempo curava "doença do mundo", ou seja sífilis, e mais tarde quando as tropas foram atacadas de cólera, muita vida se salvou, pois não havia remédio de botica que desse jeito.

Quando o nosso Comandante, Tenente Coronel Figueira de Melo morreu em Tuiuti, poucos dias depois Sebastião que andava muito triste, não tomando o devido cuidado ao percorrer as avançadas, conhecidas como "linhas negras", foi atingido por bala inimiga. Aos irmãos, nem a morte separou.

Depois da morte de Sebastião, a gitana passou a se dedicar de corpo e alma ao tratamento dos feridos e pesteados.

NOTAS

1 — Mina — casta de negros do grupo sudanês vindos para o Brasil como escravos.

VII

PRIMEIRO EFETIVO DE OFICIAIS DO 26.º DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

Relação dos Oficiais nomeados em comissão para o 26.º Corpo de Voluntários da Pátria, conforme Ordem do Dia n.º 454 da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, em data de 21 de junho de 1865.

Para Major Comandante, o Capitão do Exército Francisco Frederico Figueira de Melo — nomeado em 22 de maio.

Para Major Fiscal, o Capitão do Exército Raimundo Remígio de Melo. — Nomeado em 22 de maio.

Para Alferes Ajudante, o Cadete do Exército Antônio Nunes Cardoso.

Para Tenente-Quartel-Mestre, o Alferes do Exército Cesar da Fonseca.

Para Alferes Secretário, o Voluntário José Augusto da Frota Menezes.

1.ª Companhia

Para Capitão, o Tenente do Exército Luiz Taumaturgo da Guerra Machado — Nomeado em 10 do corrente.

Para Tenente, o Tenente do 8.º Corpo de Voluntários Antônio Herculano da Costa Brito.

Para Alferes, o Cadete do Exército Tristão Teles de Alencar Araripe e o 2.º Sargento Luiz Maria de Oliveira.

2.ª Companhia

Para Capitão, o Tenente de Comissão José Cândido Barreto.

Para Tenente, o Alferes de Comissão Francisco Brígido dos Santos.

Para Alferes, o Cadete do Exército Jovita Duarte Silva e Voluntário Antônio Por Deus Júnior.

3.ª Companhia

Para Capitão, o Capitão em Comissão Plácido Fontenele Filho.

Para Tenente, o Tenente de Comissão Delmiro Porfírio de Farias.

Para Alferes, os Voluntários José Martiniano Peixoto de Alencar e Antônio Motosinho da Silva Vieira.

4.ª Companhia

Para Capitão, o Capitão de Comissão Vitorino de Queiroz Paiva.

Para Tenente, o Tenente de Comissão Francisco Sales Pereira.

Para Alferes, os Voluntários José Demógenes de Holanda Cavalcante e Domiciano Joaquim Ribeiro.

5.ª Companhia

Para Capitão, o Tenente de Comissão Jorge Maria de Oliveira Guimarães.

Para Tenente, o Voluntário Israel Bezerra de Menezes.

Para Alferes, os Voluntários Francisco Azevedo Carvalho Siqueira Varejão e Raimundo Pinto Brandão.

6.ª Companhia

Para Capitão, o Tenente do Exército Joaquim Rodrigues de Sousa.

Para Tenente, o Tenente de Comissão José Bernardino da Silva e Sousa.

Para Alferes, os voluntários Heleodoro Cavalcante de Araújo e Antônio Peregrino Viriato de Medeiros.

7.ª Companhia

Para Capitão, o Capitão de Comissão Nuno José Ferreira.

Para Tenente, o Tenente de Comissão Sebastião Antunes Pereira de Sousa.

Para Alferes, os Voluntários Enéas Ferreira Nobre e José Balduino de Albuquerque.

8.ª Companhia

Para Capitão, o Capitão de Comissão Antônio Rodrigues dos Santos França Leite.

Para Tenente, o Tenente de Comissão João de Sousa Castelo.

Para Alferes, o 1.º Sargento do 1.º Regimento de Cavalaria José Luiz de Sousa Maia e o Voluntário Gustavo Francisco Sampaio.

NOTAS

O Major Francisco Frederico Figueira de Melo e os Alferes José Demóstenes de Holanda Cavalcante, Raimundo Pinto Brandão, Antônio Peregrino Viriato de Medeiros e José Balduino de Albuquerque, nasceram na Vila de Sobral.

O Tenente Delmiro Porfírio de Farias nasceu em Ipu e o Alferes José Augusto da Frota Menezes nasceu em Santana, porém alistaram-se em Sobral.

Quanto ao Capitão Plácido Fontenele Filho, nasceu em Granja.

VIII

O COMANDANTE DO 26.º DE VOLUNTÁRIOS

Francisco Frederico Figueira de Melo, filho legítimo do Tenente Vicente de Castro e Silva e Da. Maria Jerônima Figueira de Melo, nasceu na Vila de Sobral, no dia 18 de março de 1821.

Batizou-se na Matriz de Nossa Senhora da Conceição dessa Vila a 4 de abril do mesmo ano. (1)

Em 3 de agosto de 1822, seu Pai é barbaramente assassinado por motivos de política. A morte abalou a Vila de Sobral. (2)

Anos depois, sua genitora contrai segundas núpcias com o Capitão Antônio Viriato de Medeiros, viúvo de Da. Rita Maria da Natividade, irmã de seu primeiro marido. (3)

Francisco Frederico, assim conhecido em família, passou sua infância e parte da adolescência na terra natal. Era ele um menino irrequieto, amigo dos escravos, inteligente e de bom gênio a não ser que recebesse qualquer provocação ou injustiça, quando se tornava agressivo. Por tal maneira de ser, sua existência foi marcada por incidentes, tendo seu destino modificado por um destes. Isto aconteceu quando aluno da Escola Jurídica de Olinda, por ocasião das férias de 1839. Estando em Fortaleza, entrou em choque com o jornalista e político Manoel José d'Albuquerque, revidando ataques a um seu parente. (4)

Estando no mando o seu partido político, D'Albuquerque toma vingança, conseguindo que seu correligionário João Antônio de Miranda, então Presidente da Província, ordena o

recrutamento de Francisco Frederico para o Batalhão de Linha da Província do Ceará.

A família Figueira de Melo, cogitou em recorrer do injusto ato, porém o recrutado opôs-se tenazmente.

Conforme consta em sua Fé de Ofício, no dia 11 de novembro de 1839, assentou praça, recrutado no Batalhão de Linha da Província do Ceará. Em 3 de janeiro de 1840 foi promovido a Segundo Sargento e em 1.º de fevereiro reconhecido Segundo Cadete (5) em 10 de fevereiro, tudo do mesmo ano de 1840, teve promoção ao posto de Primeiro Sargento.

No dia 19 de fevereiro de 1840, parte de Fortaleza, compondo uma Força de 80 homens, sob o Comando do Major Joaquim Moreira da Rocha, a fim de prestar socorro à Província do Maranhão assolada pela anarquia denominada Balaiada. Conforme ordenou o Presidente da Província do Ceará, esta Força devia passar por Sobral onde receberia reforço dum contingente da Guarda Nacional.

No Maranhão, a tropa que o 1.º Sargento Francisco Frederico faz parte é incorporada à coluna que ataca a Vila de Brejo. Após renhida resistência os rebeldes retiram-se. Perseguido pelas Tropas Imperiais, no recuo combatem com ataques de surpresa, onde a astúcia, a agilidade e o furor sanguinários no corpo a corpo são a tônica da luta.

Em 7/2/1840 é empossado Presidente e Comandante das Armas da Província do Maranhão, o Coronel Luiz Alves de Lima e Silva (6) futuro Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro, que elogia em Ordem do Dia a Francisco Frederico pela sua invulgar bravura no combate de 26 de maio de 1840, embora ferido a bala no pé esquerdo consegue conduzir seus comandados no ataque dum entrincheiramento rebelde, fazendo cinquenta prisioneiros. Em 7 de setembro de 1840 é nomeado Alferes em Comissão e classificado no 8.º Batalhão de Caçadores. Permanece no Maranhão até fins de maio de 1841, quando é mandado para a Corte e dali para a Província do Rio Grande do Sul, fazendo parte das

Tropas Imperiais que vão combater a Revolução Farroupilha.

Em 26 de maio de 1843, a Coluna que seu Batalhão faz parte é surpreendida pelos Revolucionários Farroupilhas em Poncho Verde. Passado o primeiro impacto da surpresa, a Infantaria Imperial organiza-se em Quadrados, fazendo frente à poderosa e aguerrida massa da Cavalaria atacante. Apesar da bravura de ambas as partes, os Revolucionários por seus ataques suicidas aos Quadrados, sofrem consideráveis baixas. Ficando sem condições de responder ao contra ataque dos Imperiais, retiram-se.

Em Ordem do Dia do Comando General das Armas, Francisco Frederico foi elogiosamente citado pela sua bravura, sangue frio e energia na reação ao ataque de surpresa do inimigo. Foi promovido por merecimento ao posto de Tenente em 23 de julho de 1844, continuando na Campanha até seu fim, tomando parte ativa no ataque de Porangos, em 14 de novembro de 1844.

Contraiu núpcias com Da. Florinda Leopoldina, em Pelotas Província do Rio Grande do Sul, no dia 20 de março de 1845 e no ano seguinte, em 13 de março nasce o seu filho primogênito de nome Francisco.

Em 9 de fevereiro de 1849 segue em Diligência à Provincia de Pernambuco onde permaneceu até abril do mesmo ano, quando obteve licença para ir à Província do Rio Grande do Sul.

Extinto o 8.º Batalhão em face da nova organização do Exército Imperial, conforme Decreto 782, passou a fazer parte do 13.º Batalhão de Infantaria da primeira linha, ao qual se recolheu em 16 de junho de 1851, tendo com ele marchado para a Guerra do Estado Oriental do Paraguai, tomando parte em toda a campanha até a rendição do iaudilho Manuel Oribe. Do Uruguai, a Divisão que seu Batalhão fazia parte, embora em Colônia do Sacramento, no dia 14 de dezembro de 1851, para Ponta do Diamante na margem esquerda do Rio Paraná

com este fazer a guerra contra as tropas do General Rosas, Ditador da Confederação Argentina.

a fim de reunir-se ao Exército Aliado do Sul da América e

No dia 16 de dezembro de 1851, durante a viagem para a Ponta do Diamante, os navios da Esquadra Imperial do Brasil que tronsportavam tropas nossas, travaram combate no Passo de Toneleros com força de Rosas comandadas pelo General Mansilla que fortificado nas altas barrancas, ataca com nutrido bombardeio e fuzilaria. O fogo foi respondido pelos canhões das naves, acompanhado pela fuzilaria dos Infantes Brasileiros ali transportados.

Nas anotações militares do Tenente Francisco Frederico, consta ter ele feito parte da linha de atiradores que postados no toldo do navio Pedro II, respondiam o fogo inimigo.

Em 13 de fevereiro de 1852 deu-se o Combate de Monte Cazeros, sendo que no seu decorrer, a Divisão Imperial que o 13.º de Infantaria fazia parte, penetra pelo centro das linhas inimigas, as quais ficaram divididas em duas partes, situação que facilitou a derrota do inimigo.

Em 18 de fevereiro de 1852, as tropas brasileiras desfilam em triunfo na cidade de Buenos-Aires, recebendo fraternal acolhida da População, já cansada do seu Ditador.

Por Decreto Imperial em data de 22 de julho de 1852, por merecimento é promovido a Capitão e em 18 do mesmo ano é classificado na 7.ª Companhia do 12.º Batalhão de Infantaria de primeira linha.

Foi examinado e plenamente aprovado no Exame Prático da Arma de Infantaria em 6 de janeiro de 1854 e apresentou certidões de ter sido plenamente aprovado em Francês e Latim no Curso Jurídico de Olinda e no primeiro ano do curso de Infantaria e Cavalaria da Escola Militar de Porto Alegre. Em 6 de abril do mesmo ano recolhe-se ao seu Batalhão, com o qual marchou da Lagoa Negra, fazendo parte da Divisão Auxiliadora que por ordem do Governo Imperial foi estacionada no Estado Oriental do Paraguai, chegando seu

Corpo de Tropa à cidade de Montevidéu no dia 13 de maio de 1854.

Foi punido por insultar um Oficial superior, ameaçando-o de pancada, em data de 20 de maio de 1854. Foi solto em 21 ciais pelo Major Fiscal em cumprimento ao ofício do Comanciais pelo Major Fiscal em cumprimento ao ofício do Comandante das Armas. Recorrendo da punição, alegando ter revidado uma provocação, pelo Comandante das Armas, foi despachado ter sido justa a punição e que não lhe foi aplicada maior pena em consideração por se tratar dum Oficial de bom comportamento, disciplinado, disciplinador e de distinguidos atos de bravura. No despacho foi recomendado dar por encerrado o incidente. Em 2 de dezembro de 1854, por Decreto Imperial, foi distinguido com a Comenda da Ordem da Rosa, no grau de Cavaleiro.

No ano de 1855, em 14 de janeiro, embarca com seu Batalhão, fazendo parte das Forças Navais da Esquadra do Brasil em comissão a Paraguai, regressando a Montevidéu com a Esquadra em 16 de maio do mesmo ano.

No dia 26 de setembro de 1855, foi preso por dois dias por haver mandado chibatear quatro soldados da sua companhia, sem pedir previamente permissão ao Comondo do Batalhão para a aplicação da pena, desobedecendo assim ao Regulamento disciplinar do Exército, embora os soldados fossem merecedores de tal pena, por cometerem distúrbios e ferimentos em civis.

Em 1.º de janeiro de 1856 seguiu para a Corte e ali passou a ser aluno do primeiro ano da Escola de Aplicação do Exército, em 4 de março do mesmo ano. Na dita Escola foi determinado a comandar a 9.ª Companhia composta de alunos.

Em 30 de junho de 1856 foi elogiado em Ordem do Dia da Diretoria da Escola de Aplicação do Exército, pela dedicação, respeito à ordem e disciplina que mostrou no Comando que lhe foi destinado.

A seu requerimento, em 10 de outubro de 1856, foram averbadas as certidões de batismo de seus filhos legitimos: Francisco, nascido em 13 de março de 1846; Maria, nascida em 4 de juho de 1850 e Eduardo, nascido em 13 de outubro de 1851. Apresentou ainda a certidão de óbito de sua esposa Da. Florinda Leopoldina Figueira de Melo que faleceu em 21 de dezembro de 1854.

Em data de 24 de janeiro de 1857 foi aprovado no curso da Escola da Aplicação do Exército e habilitação nas matérias práticas da Arma de Infantaria. Seguiu para a Província do Rio Grande do Sul em 2 de abril do mesmo ano, ficando na Guarnição de São Gabriel adido ao 6.º Batalhão, de Infantaria, passando no dia dezoito do mesmo ano a adido ao 1.º Regimento de Artilharia a Cavalo, comandando a 4.ª Bateria. Foi elogiado em Ordem do dia de 23 de maio de 1857 do Comando do 1.º Regimento de Artilharia a Cavalo, pelo zelo, dedicação e interesse que mostrou no Comando da 4.ª Bateria, a bem de seus comandados, além da conservação de muita subordinação e respeito para com seus superiores. Em 29 de maio de 1857 chegando seu Batalhão, o 12.º de Infantaria, à Vila de São Gabriel, apresentou-se e seguiu com ele que já estava mobilizado como uma das unidades componentes do Corpo de Observações. Com o dito Corpo de Observações, em 6 de fevereiro de 1858 acampou junto ao Passo do Silvestre na margem esquerda do Ibicuí, onde regressou em 25 de abril do mesmo ano, sendo o Corpo de Observações por Ordem Imperial de 1.º de maio do ano de 1858, dissolvido. As unidades dele componentes regressam aos seus respectivos aquartelamentos. Seguindo o 12º de Infantaria para seus aquartelamentos em Bagé, o Capitão Francisco Frederico Figueira de Melo, por ordem superior ficou em São Gabriel em 18 de maio de 1858, adido ao 13.º de Infantaria, ficando encarregado de ajustar as contas do Batalhão com a Pagadoria Central.

Em 24 de maio de 1858, contraiu segundas núpcias com Da. Emerenciana Freitas que passou a se chamar Emerenciana Leopoldina Figueira de Melo.

Transferido em 10 de dezembro de 1858 para o 13.º de Infantaria.

No ano de 1861, no dia 18 de junho foi condecorado com o Hábito da Ordem de São Bento de Aviz, conforme Decreto de 19 de maio e Diploma de 7 de julho. Em 8 de abril de 1865 condecorado com a Ordem de Cristo no Grau de Cavalaria. Decreto de 18 de fevereiro e Diploma em 11 de março.

Em 22 de maio de 1865 o Capitão do Exército de Primeira Linha Francisco Frederico Figueira de Melo comissionado em Major é nomeado para comandar o 26.º Corpo de Voluntários.

NOTAS

1 — Diocese de Sobral — Livros de termos de batizados — Livro 18, fls. 148 — ano de 1819 a 1822: "Francisco, filho legítimo de Vicente de Castro e Silva e sua mulher Da. Maria Jerônima Figueira de Melo naturaes e moradores nesta Freguesia, nasceo aos dezoito de março de mil oitocentos vinte um, foi baptizado em treis de abril de mil oitocentos vinte um, nesta Matris de Nossa Senhora da Conceição, por mim, que lhe administrei os Santos Oleos. Forão padrinhos Custodio José Correa da Silva, casado e Da. Joaquina Figueira de Melo, Solteira, desta Vila. E para constar fiz este assento e assignei. O Vigario José Gonçalves de Medeiros".

2 — Pe. Francisco Sadoc de Araújo "Cronologia Sobralense", Volume II — 1.ª Edição, fls. 126.

3 — Idem — 1.ª Edição, fls. 36.

4 — Gustavo Barroso em "A Margem da História do Ceará", assim se refere: "Esse bravo cearense devia ser homem de espírito combativo e até certo ponto rancoroso, pois deu na sua terra, quando moço, um exemplo único de fazer afilhado dum indivíduo, a fim de poder descompô-lo pela imprensa, sem eiva de suspeição, como se in-

fere desta "Declaração Importante", estampada na Tipografia Patriótica, de Francisco Luiz de Vasconcelos, em Fortaleza: "Francisco Frederico Figueira de Melo faz ciente ao respeitável público que no dia 24 de agosto do corrente ano crismou-se e tomou por padrinho o Senhor Manoel José D'Albuquerque para na qualidade de afilhado poder dizer seus sentimentos sem passar pela nota de suspeito.

Meu padrinho! Vm. convença-se e fique sabendo que é tido por um caluniador de profissão, e que nos seus escritos só manifesta maldades e um gênio demasiadamente intrigante: O público já está cansado pela publicação do seu 16 de dezembro, ao qual denomina infame. Devendo Vm. persuadir-se por uma vez que o Ceará o despreza e não quer em seu seio homens que só tratam de perturbar e intrigar tudo, arrependa-se e arripie em tempo sua marcha; e pague com gratidão os obséquios recebidos da família a quem Vm. injustamente estraçalha. Receba este conselho de seu afilhado Francisco Frederico Figueira de Melo. Ceará, 25 de 1839."

5 — No Brasil Imperial, ainda herança do velho Regulamento Militar de Portugal cabia aos descendentes de oficiais ou nobres o reconhecimento no posto de 1.º ou 2.º Cadete. Francisco Frederico era filho de Oficial.

6 — Affonso de Carvalho — "CAXIAS" editado pela Biblioteca do Exército.

IX

A BALAIADA

Em meados de 1839, a desordem na província do Maranhão, nascida nos anos anteriores, chegou ao máximo.

Bandos de facínoras, tendo como principais chefes: Raimundo Gomes, Negro Cosme, José Alexandre Pedroza, Pedro Celestino e Manoel Francisco dos Anjos Balaio, cujo apelido deu nome a insurreição "A BALAIADA". Sobre ela muito se tem escrito. São porém para nós, os filhos das Ribeiras do Acaraú, de grande valia conhecer as "Memórias" do Professor sobralense — Manoel Ximenes de Aragão (1), cuja transcrição é feita abaixo, conforme consta na Revista do Instituto do Ceará, tomo 27, folhas 143 a 157. (2)

História dos Balaios, ou Benteviz

Informado de que no lugar *Pacoveira* era facilimo comprar a porção de farinha que eu quisesse, dirigi-me aquelle lugar, no qual cheguei, e achei hum grande numero de pessoas de ambos os sexos naturaes da provincia do Ceará, principalmente da Serra-grande, d'onde lhe disse eu que vinha, pelo que tive de ser por elles bem tratado. Toda esta gente era de pessima qualidade, e pobrissima de tal modo, que, segundo meu entender, entre esse povo não havia hum individuo que fosse capáz de possuir hum só cavallo. Vi moerem canas em hum engenho por elles mesmos tangido. Este engenho, em lugar de almanjarras, tinha de cada lado dois páos encrusetados verticalmente atravessando as pontas das moendas, que erão duas, e achavão-se na altura de mais de 12 palmos, para

dar lugar a que as cruzêtas passassem sem tocar no chão. Cinco pessoas tangião-no, empurrando com o hombro nas pontas dos taes páos encruzetados cada hum de sua vez; isto he empurrava o páo que lhe tocava, passava para diante, para dar lugar ao companheiro, que o seguia, alcançar tão bem o que lhe tocava e para alcançar igualmente o páo de diante quando se fosse pondo em attitude de ser por elle pegado; isto de modo que o engenho não parava, e nem tão bem elles paravão caminhando em roda delle, até o tempo que fosse precizo moer.

O engenho, nem por isso, dava menos garapa do que os puchados por bois.

Com hum só taixo se servirão na fornalha, para alimpar a garapa, e apurar o mel, que quando estava em ponto de rapadura, tiravão o taixo, e nelle mesmo deixavão-no esfriar e tomar grã, servindo elle de gamella, como em outras partes se faz.

Eu já tinha vendido grande parte de meu negocinho, tanto pelo caminho, como depois de chegado aqui, e presumia estar com mais de cem alqueires de farinha comprados; porem foi me forçoso desprezar tudo para procurar a familia por que dois dias depois de minha chegada, os moradores amanhecerão atirando com bacamartes em forma de festejos, o que a principio não me causou susto algum, por me dizerem elles, que atiravão em honra do dia, o qual era o de Natal visto que não podião ir a missa; mas não tardou muito que os susto me chegasse; e a razão de meus receios foi esta: pelas dez horas do dia chegou ali hum certo José Alexandre Pedroza, homem quasi branco, e que me parecia não ser pessoa despresivel, e entrou em conversações com os moradores por meio de certos gestos e metaphoras, que me era totalmente vedado o entende-las; e a medida que elle continuava em suas metaphoras, crescia mais a minha curiosidade de perguntar o que era aquillo, de que tanto desejava saber, até que chegando minha impaciencia ao seu su-

blime gráo, rompi o silencio e perguntei: que novidade era aquella sobre que tanto conversavão.

Nada me dizia elle, que me satisfizesse e nem aos consocios, continuando sempre em suas metaphoras, e riscando pelo chão, para que eu adivinhasse as suas intenções, por meio desses meios. A vista do que repliquei, que me explicasse melhor aquelle inigma, que me parecia revelar cousas não pequenas, ou bem commum a todos; o que eu queria saber, para applaudir as bondades, e prevenir as más consequencias.

Elle então, depois de muitos arrodeios, resolvendo depôr o segredo, que até ali guardava, disse: He huma revolução em que estamos mettidos, cujo chefe é Raymundo Gomes, que já tem muito povo reunido e está reunindo todos os que o quizerem acompanhar. Ella he dirigida por gente grande do Maranhão, pertencente ao partido Bentivi com o fim de deitar abaixo os Perfeitos, Sub-perfeitos e Comissarios; assim como apear dos postos os do partido cabano, e acabar com os marinheiros, nossos inimigos encarniçados. Com tal proposição fiquei possuido de hum veixame inexplicavel, e assim mesmo cahi na indescripção de lhes aconselhar que em tal não se mettessem, mostrando-lhes os encovenientes e desgraças que acompanhão a huma revolução, a qual por fim vinha a ser suffocada pelo governo, e perdido o trabalho dos que nella se metterão, como ordinariamente está acontecendo. Trouxe por exemplo a do Pinto Madeira, a de 1824 e outras; porem elles botavão certos rodeios que me fazião callar.

Mal sabia eu aonde estava mettido, pois todos aquelles sugeitos erão os revoltosos, que em 1824 tinhão morto a João de Farias na Serra-grande, como depois me disserão e então foi quando, como depois me disserão a leviandade com que sugeitos erão os revoltosos, que em 1824 tinhão morto a João de Faria e mostrando a maior aversão a seus autores, e a tudo quanto se diz revolucionario. Escapei de boas, como lá dizem!... Depois de me haverem descoberto as suas intenções

tratei immediatamente de me regressar para a Villa d'onde distava o lugar 15 legoas; ao que elles se opposerão, aconselhando-me que não sahisse d'ahi, antes mandasse vir a minha familia, certo de que entre elles não me entrava mal algum, pois promettião deffender-me de qualquer offensa que me quisessem fazer, e sustentar-me durante o tempo que alli estivesse.

Apromptei-me finalmente e montei a cavallo com todo o sol do meio dia; mas qual foi o meu susto, quando, depois de ter mandado marchar o comboio, vi que hum dos taes me pegava nas redeas do cavallo, e me prohibia dar a marcha! Fiquei frio como agua, e por mais que procurasse verme livre do tal sugeito, não me era possivel. Por hum espasso de tempo não pequeno estive ali retido por elle, que quasi não me dizia palavra alguma, e eu ignorava as suas intenções, as quaes poderião ser funestas ou não, visto achar-se alguma couza bebado de aguardente. Este sugeito era hum cabra alto, corpulento, tinha no estomago huma barroca natural, capaz de guardar seguramente duas garrafas d'agua, se lhe as botassem quando estivesse deitado de barriga para cima.

Parecia ser o patriarcha do lugar, seu aspecto terrivel era o de hum verdadeiro come gente; eu estava vendo a hora, em que era suffocado entre as grossas mãos daquelle gigante Adamastor pois para me matar era bastante isso.

Quando me vi livre do monstro, dei de redeas ao cavallo, cujas passadas me parecião curtas, e fui alcançar as cargas na distancia de uma legoa, vendo a hora que o monstro vinha em meo alcançe, ou que me sahia de cada lado para me tirar a vida. Mandei accelerar a marcha do comboio, até que, depois do meio dia, dei com huma caza, da qual me sahio o dono, que pela falla conheci ser portuguez. Deo-me rancho, e apenas nos achamos sós, relatei-lhe em breves palavras o que vira, accrescentando que os taes da revolução tinhão em vista acabar com os portuguezes, e que por conseguinte elle tomasse todas as medidas necessarias para evitar o perigo.

Elle estava em completo sangue frio, quando lhe contei a historia, por que era totalmente ignorante de tudo: mas tornou-se bastante afflicto depois que me ouvio e disse: vou já e já para a beira mar, onde poderei escapar. Vá, e não se demore, emquanto o barulho não feixa, lhe disse eu. O homem parecia summamente pobre e tinha huns poucos de filhinhos pequenos, da mulher com quem era casado, a qual era uma cunhã o que lhe poderia valler na crise actual, pois caboclos e cabras erão os commandantes dessa horda de malvados, que por isso deixavão de sacrificar as vidas de alguns portuguezes cazados em suas familias.

Tendo descançado hum pouco, por que o caso não admettia demora, puz-me de viagem e no dia seguinte, depois de ter descançado no lugar Forquilha, encontrei com hum portuguez chamado Jozé Antonio, morador na Villa, em mangas de camiza, e afrontado de correr a pé, o qual apenas foi dando com os olhos em mim dizendo: Estamos perdidos, meu amigo!... Seu cunhado acaba de chegar de huma expedição, á qual foi como commandante para bater uns revoltosos, que se achavão reunidos na Chapadinha: eu vou me esgueirando, afim de procurar hum azylo onde escapar da borrasca. Apartamo-nos, seguindo elle para huma sua fasenda, e eu para a Villa; depois de lhe ter eu relatado em poucas palavras o que presenciara na Provincia. Cheguei a Villa pelas 4 horas da tarde, e ainda achei meu cunhado em sua rede, descançando das fadigas da viagem. Fez-me huma relação summaria da empreza a que fôra, dizendo-me que ninguem se achava no lugar designado.

O barulho não cessou mais, antes engrossava de dia a dia; embora parecesse ter moderado com o debandamento do grupo de revoltosos, sobre quem meu cunhado tinha ido; por que, occultos pelo mato, elles ião seduzindo gente á seu partido. A estrada do Maranhão ficou interceptada em varias partes; as mallas dos correios erão tomadas; derão sobre huma escolta que conduzia recrutas, e tomarão-nos. Isto serviulhe de assumpto, ou de pé de cantiga do povo para por esse

meio chamar a odiosidade do povo contra as autoridades locaes, como autores da maior barbaridade pelo facto de recrutarem a pobres cabôclos desvalidos pintando com tão vivas cores esta barbaridade por elles apregoada, que nem hum duvidava em sugeitar-se aos maiores sacrifícios em prol da revolução.

Huma escolta, que mandou-se contra elles, conseguio prender a seis, aos quaes fez-se interrogatorio, sendo eu o escrivão delle, e Juiz o Major João Martins, a instancias de quem acceitei este emprego inteiramente. Tambem a instancia da Comarca tomei posse de seu Secretário a 11 de Fevereiro, já no anno de 1839. Recusei muito entrar neste emprego, por não querer desgostar e entrigar-me com o actual Secretário, que era Leonardo José de Lima, em quem a Camara não depositava confiança alguma, assim por ser do partido liberal, sendo ella toda composta de pessoas do partido cabano, como por ser elle totalmente inepto para servir aquelle emprego, o qual servia por falta de pessoa mais habil; e assim mesmo só aceitei depois de me ter elle dito perante a Camara que eu podia acceitar livremente o emprego, que elle disso não tomava queixa alguma.

Servi somente em uma sessão da Camara, por causa do barulho, que de Fevereiro em vante engrossou inteiramante; tanto que o Governo mandou sobre Raymundo Gomes uma tropa de 300 e tantas praças, commandadas pelo Capitão Pedro Alexandrino, official de tropa de linha, mas se dizia que este official nunca quiz dar em Raymundo Gomes, tendo occasiões mui favoraveis para isso, por que Raymundo Gomes, sabendo de sua vinda, poz-se de marcha, e elle em seu seguimento, descançava e dormia sempre meia legua, e menos, distante hum do outro, sem querer avançar mais hum passo para alcançar. Os officiais subalternos affligirão-se inteiramente com este procedimento de seu commandante, e lhe propunhão de atacar o inimigo, visto as bôas occaziões que se lhes offerecia, mas elle allegando pretextos frivolos, ficava no mesmo posto, sem mudar de opinião. Continuou

assim sua marcha em procura de Raymundo Gomes, até que este na barra do Longá, quando passava o rio Parnahyba, foi batido por uma tropa de cem praças mandada pelo prefeito da Parnahyba.

Debandado Raymundo Gomes, regressou Pedro Alexandrino para o Brejo com sua tropa. O ardor do barulho parecia ter esfriado, mas foi um perfeito engano: porque os revoltosos, considerando-se perdidos, tratarão de se reunir as occultas, para dar de assalto, quando apanhassem tudo descuidado. Expedirão-se precatorias para a Provincia do Piauhy em procura de Raymundo Gomes, que debalde era procurado, visto como em toda parte o occultavão; isto até que os portadores da precatoria conhecendo andarem enganados voltarão ao Brejo sem que podessem dar noticias de Raymundo Gomes.

Passarão-se muitos dias sem que soubessem de reunião alguma dos revoltosos, e Pedro Alexandrino no Brejo com sua tropa, aguentando reprovas das pessoas gradas do lugar, que lhe deitavão em rosto a fuga de Raymundo Gomes, causada por sua negligencia ou demasiada frouxidão, ou mesmo por peita, que se dizia recebera na importancia de 3:000$000 rs. Ao que elle respondia com muito sangue frio: Quem foi que empurrou Raymundo Gomes até a barra do Longá, não seria eu? Senão fôra eu que o desagazalhasse do lugar onde estava, seria elle batido como foi? Ora, meos senhores, deixem-me por caridade! Offreça-se pois occazião propria, que quero mostrar-lhes se he certo o que de mim se diz! . . . Quando menos se esperava appareceo noticia de estar hum grupo reunido na Chapadinha, pequena Povoação, distante do Brejo 10 leguas.

Eis aqui a occasião de mostrar a sua bravura o nosso Capitão Pedro Alexandrino! . . .

Concordou-se em mandal-o a bater aquelle grupo, e organizou-se uma tropa escolhida entre os soldados de primeira linha, e os de G. Nacional em numero de cem d'aquelles, e setenta destes, entrando seu commandante que era o Major

João José, homem espirituoso, e de optimas qualidades, segundo me informarão.

Porem eu agourei mal da sorte desta expedição; visto como na vespera de sua partida, na occasião da revista das sete horas da manhã aconteceo que hum soldado manejando huma arma, esta se disparasse, e empregasse o tiro em dois soldados, que cahirão immediatamente varados da balla, morrendo hum poucos minutos depois, e o outro na manhã seguinte. Com effeito não foi desmentido o meu pensamento, como tenho de dizer. No dia aprazado sahio Pedro Alexandrino com a tropa mais luzida possivel, bem armada, e municiada, levando duas cargas de caixões cheios de cartuxame. Chegados ao logar Espingarda, distante dos rebeldes 3 leguas, resolveo Pedro Alexandrino se demorar emquanto se aprompta va de matalotagem allegando que d'ali em vante não acharião gado para comer. Não quadrou bem esta resolução ao João José, e nem mesmo aos officiaes que compunhão a tropa, por que antevião que com esta demora podião perder a empreza, e até mesmo acontecer-lhes mal se fosse presentida sua marcha pelos rebeldes. Não se enganarão com este pensamento, por que, como depois se soube, elles, sabendo da vinda da tropa, propriamente, no dia em que ella devia dar a marcha, pegarão em machados, e derribarão muitas arvores para entupir o caminho no lugar, onde ella passava por huma matta bastante feixada, ficando assim obstruida a passagem dos soldados, que chegando ali, e achando a estrada naquelle estado, tiverão de aguentar fôgo até que se desembarassassem com perca de trez soldados, e dos cavallos da bagagem, por que os Bentevis, aproveitando-se do embaraço da tropa, poderão fazer fogo a seu salvo, sem que hum só dos seos recebesse a menor offensa, e continuarão á fazer fogo emboscados aqui, ali, acolá, até o lugar Chapadinha, onde a tropa chegou, e se abarracou, vindo os caixões de cartuxame na cabeça dos soldados.

Neste lugar, pequeno arraial rodeado de matto, a tropa não achou pessoa alguma, e nem podia evitar de perder hum

soldado de vez em quando, por que dito matto que ficava muito proximo ás cazas, os Bentivis, quando descobrião algum a geito e em lugar onde podessem segurar o tiro, punhão lhe fogo, e vião a queda.

A tropa não achou aqui couza alguma que comer, a excepção de farinha somente em alguns armazens; por isto determinou fazer-se de marcha para o lugar Angicos, onde havia gados de todas as especies.

No dia seguinte partirão e chegarão á Angicos, depois de soffrerem cinco legoas de fogo, que tanto he de Chapada a este lugar, e todo este caminho por entre huma matta de palmeira, o que era mui favoravel aos rebeldes, que postos por detraz de paos, e occultos pela espessura da matta, não podião ser descobertos pelos soldados para lhes poderem fazer fogo de pontaria.

Apenas chegada a tropa foi cercada por hum grande numero de rebeldes, que para isso apressadamente se ajuntarão, e então ficou a tropa privada de tomar agua para beber, e de procurar a comida.

Nestas circunstâncias os officiaes dirigindo-se a Pedro Alexandrino, lhe proposerão de romper o cerco, e voltar ao Brejo; mas elle pondo por diante o seu regulamento militar, respondia que seria criminoso se retrocedesse sua marcha sem effectuar a deligencia.

A tropa se achava desprovida de munição por ter gasto todo o cartuxame no caminho sem proveito algum, por que quando os rebeldes davão hum tiro de dentro do mato, os soldados viravão a boca das armas para aquelle lado, e despejavão-nas todas em vão; apenas alguns soldados tinha na patrona oito ou dez cartuxos, que deixaram por prevensão, e a maior parte nem ao menos a arma carregada tinha mais.

Trez dias durou o assédio, e outros tantos fazia que os soldados não comião, e nem bebião; e nesta situação sem recurso algum, sem disposição do commandante estavão, quando o commandante resolveo capitular antes do que romper

o cêrco que apezar da pouca munição era o melhor expediente; achando mais regular esta sua tactica militar, do que retrocedendo a marcha para se salvar a si, e a toda tropa, o que não era difficil visto como se conhecia claramente que os Bentivis não tinhão munição alguma, pelos poucos tiros que davão, e isto somente quando apanhavão hum soldado em lugar onde lhe podessem segurar bem a pontaria.

Não se sabe em que Pedro Alexandrino se fiava, só sim se fallava que elle andava peitado, como acima ficou dito; outros erão de opinião, que elle cahira nesta falta por frouxidão; seja em fim o que fôr, certo he que os Bentivis não lhe pouparão a vida.

Elle estava de todo esquecido dessa tactica militar, de que todo povo barbaro uza na guerra, que he — nunca deixar vivo prisioneiro algum — e sempre traz prezente aquella maxima que seguem todos os malvados — homem morto não falla —.

Resoluto em capitular, Pedro Alexandrino a despeito de sua honra militar, não se pejou de offerecer aos rebeldes essa vergonhosa capitulação; os quaes aceitarão a preposição com o maior prazer, lhe ordenarão que deposesse as armas, sem o que não aceitarião a capitulação. Não sei se nisso só, ou se em mais alguns artigos consestia esse acto filho da cobardia, que não tardou em ser posto em execução.

Depostas as armas correrão os rebeldes para a caza, onde a tropa se achava, e tomarão conta dellas com a maior precipitação. Isto feito, e os devidos comprimentos entre os commandantes dos Bentivis e Pedro Alexandrino sentou-se este em hum banco com seu companheiro o Major João José, que como os outros officiaes, de modo algum queria consentir na capitulação de seu companheiro, e quando principiava a sua conversação com os taes commandantes sobre os negocios da guerra, disse, batendo com as mãos nas insignias militares, que tinha na manga da farda — Minha honra e estas são quem me põe hoje nas tristes circumstancias em que me vejo!... Não poude mais continuar no que vinha de dizer,

por que dois cabras pertencentes aos Bentivis, que estavão por detraz, dispararão as armas nelle, e em João José caindo ambos mortos immediatamente.

Os outros officiaes e soldados vendo o tratamento que tinhão dado a seos commandantes julgarão acertado abraçar-se cada um com hum Bentivi; o que muito lhes servio para escaparem da morte; então os Bentivis, mostrando-se generosos e por hum modo imperioso, disserão — Visto que seos commandantes já estão mortos, bom será que não se matem estes, que muito nos poderão servir — Assim mesmo aconteceo, por que não havendo entre elles hum só que soubesse assignar o nome os officiaes prisoneros servirão lhes de secretarios durante muito tempo. Mandarão enterrar, pelos soldados, os commandantes ambos em hum mesmo buraco, e tiverão os soldados prisioneiros d'ahi em vante. Com o vencimento desta campanha, tomou a cauza dos Bentiviz hum... extraordinário; e d'aqui, pode-se dizer, datou o principio della, que se não fôra esta conquista, ella por modo algum progrederia, visto como os Bentivis erão inteiramente faltos de armas e munições com que podessem fazer cousa alguma, e tanto assim que elles mesmos me contarão depois que fizerão toda guerra desde Espingarda até Angicos com libra e meia de polvora somente, e que se Pedro Alexandrino soubesse, ou quisesse, elles nem huma opposição lhe poderião fazer, dessa maneira sem armas, sem munições e mesmo sem gente até a chegada a Angico, onde então reunirão o numero que cercou Pedro Alexandrino, e esse mesmo número nem por isso era mui superior ao da tropa legal. Achando-se com cento e setenta granadeiras bem arreiadas, julgarão-se elles muitissimo fortes, e considerarão que agora podião fazer sua conquista até as extremidades do Brazil, e mesmo além do mar se necessário fosse.

Em quanto isto se passava com a malfadada tropa de Pedro Alexandrino, estavão os homens do Brejo impacientes por saber do rezultado da expedição por que nada apparecia que podesse revelar a mais pequena noticia; quando huma

hora da tarde do dia 22 de abril de 1838, chegarão dois dos soldados de G. Nacional, dos que nos Angicos forão prisioneiros, e disserão que havião fugido do poder dos rebeldes, e derão minuciosa relação de todo o occorrido, acrescentando mais que elles não fazião mal senão aos do partido cabano, e aos Perfeitos, Sub-perfeitos e Commissarios, e finalmente que se elles não tivessem feito parte da tropa que contra elles tinha ido, não se retirarião do lugar. Todas as pessoas do Brejo concorrião aos dois rapazes para se certificarem do que elles dizião e ouvião todos de bocca delles a mesma historia, assim como eu e meu pai tão bem os ouvimos.

Meu pae capacitou-se de que a história era exacta, isto he, de que os rebeldes guardarião decôro a todas as pessoas, quando entrassem no Brejo, porem eu, embora conhecesse a sinceridade dos dois fugitivos, pois para dar avizo he que elles fugirão, não quiz ser tão credulo como meu pai, por isso fiz-lhe lembrar a revolução de 1824, e lhe disse que elle não se illudisse com o que contavão os dois fugitivos, e finalmente que o melhor partido era retirarmo-nos emquanto os rebeldes não chegassem.

Presestio meu pai em sua credulidade, e eu vi-me forçado a ficar com elle, porem dizendo-lhe sempre: — dizem que os rebeldes não offendem a ninguem? Nós o soffreremos! Qual!... Tu não vêz o que contão os rapazes!... Sim senhor, repetia eu; mas nós o soffreremos!...

Nos mesmos instantes em que ouvirão a relação dos dois fugitivos, aquellas pessoas que se consideravão sugeitas ao capricho dos rebeldes, ou que delles serião procuradas para matar tratarão de sahir da Villa, levando somente alguma couza de maior precizão.

Homens, mulheres, moças solteiras, meninos e velhos, tudo descalço, e com o pé na lama, dirigirão-se ao porto da Parnahyba, digo, Repartição, onde embarcarão, huns para além do rio Parnahyba, e outros descerão por elle abaixo em procura da Villa da Parnahyba, ficando somente no Brejo os que acreditarão nas palavras dos dois fugitivos; os que não

se julgavão compromettidos para com os rebeldes; e aquelles que tinhão por boa a cauza dos mesmos.

Scientes os revoltosos de que as tropas tinhão desoccupado a Villa, nem hum receio tinhão mais de entrar nella; pois 4 ou 5 dias depois da sahida da tropa entrarão em número de 300, ou 400 com trez chamados commandantes, que nenhuma differença tinhão dos soldados, que delles fazião tanto cazo, como de hum caxorro.

Os intitulados commandantes erão: hum Gitirana, filho do velho Nicacio da Jubaia no Ceará, que largou a companhia de seu bom pai, por vadio, e deo com sigo na província do Maranhão; hum Antonio de Souza Magalhães, que se intitulava da familia de S. Quiteria; e hum mulato acabocolado de nome Pedro Alexandrino, que tinha sido soldado de primeira linha na praça do Maranhão.

O Gitirana era hum mulato alto, secco, dos olhos grandes, falla arrogante, mas inteiramente estupido; e era o que se servia dos officiaes prisioneiros por Secretarios, os quaes erão hum Tenente Pacheco, hum Alferes Graça, e mais sargentos. Este malvado trazia tão bem com sigo huma moça branca, filha de um homem chamado Alexandre, morador no lugar spingarda, a quem lhe havião morto dois ou trez filhos, escapando o pai por não estar em caza, depois do que elle Gitirana quiz carregar huma filha solteira que o mesmo tinha, então esta que veio com elle por já ser viúva offereceo-se-lhe, dizendo — Se há de carregar minha irmãzinha solteira e honesta conduza antes a mim, que já sou viuva —.

Dos outros dois commandantes adiante tratarei, vou dizer alguma couza do modo com que se houverão os rebeldes depois de sua entrada, que foi sem bulha nem matinada por falta de quem lhes fizesse opposição, como já sabemos.

Confiados os que não se julgavão compromettidos, como já disse, nas palavras dos dois soldados fugitivos, de que nem hum mal soffrerião dos rebeldes deixarão-se estar em suas casas, e os de fora não receiavão vir à Villa, mas essa confiança não deixou de custar a vida de muitas pessoas. O primei-

ro que foi victima foi hum moço chamado Zeferino que veio de seu sitio, e encontrando-se com alguns no meio da rua, foi morto, e ahi ficou seu cadaver exposto ao sol sobre huma calçada até 8 horas do dia seguinte quando consentirão que fosse interrado, não por acto de caridade mas para não impestar com seu mau cheiro quando apodrecesse. A segunda victima foi hum rapazinho portuguez caixeiro de hum negociante, o qual, depois de se ter occultado, sahio e se foi offerecer aos malvados que o mandarão matar por dois, ou trez que com o rapazinho passarão em minha porta pelo caminho da Repartição, e chegando fora da rua, tirarão-lhe a vida, deixando-o sobre a terra onde servio de pasto aos urubús.

Igual sorte tiverão hum cego cunhado do infeliz Zeferino, hum portuguez, genro deste cego, que tão bem era portuguez, e outro rapaz mais da mesma caza, os quaes os malvados convidarão para a Villa, sahirão com elles, e quando se encobrirão da caza, matarão a todos, deixando-os por enterrar.

As pessoas principaes, a quem elles chamavão cabanos, morrião, e seos famulos ou aquelles que frequentavão as casas dos cabanos, morrião por serem piolhos de cabanos. Para se dar sepultura aos assassinados, era necessário grande empenho no alcançar da licença.

No dia seguinte ao da entrada, os rebeldes derão-se pressa no saque das casas das pessoas que se havião retirado. Arrombarão as portas; tirarão tudo quanto acharão; espalharão pelas ruas todos os papeis das cazas de negócio; arrebentarão mezas, cadeiras, comodas, instrumentos de tocar, e tudo o mais quanto era mobilia, ou ornato de caza, os quaes quanto mais polidos e bonitos mais depressa erão quebrados, deixando unicamente os mais feios com que se servirão; porque esta canalha só gostava do que era feio; e tanto assim que elles matavão, ou querião matar a toda pessoa que vinha bem vestida: andavão com camiza e ceroula tintas de vermelho, alguns de preto, e desta maneira querião que todos andassem, e do contrario passavão mal.

Imagine-se pois que bonito vestuario seria o desses malvados; quando juntos em grande numero, parecião talvez huma legião de demonios, assim pelo vestuario, como por suas barbaras, e atrevidas acções. Elles andavão assim vestidos, para se occultarem melhor as vistas das tropas legaes, principalmente de noite, quando era impossivel serem vistos, posto que bem perto delles se passasse.

Ordenarão que todo aquelle que de dia feixasse as portas de sua caza, seria morto immediatamente; de modos que era precizo que durante o dia se tivesse as portas todas abertas.

Tambem ordenarão que quem as 5 horas da tarde e as 7 da manhã não comparecesse ao toque da reunião, que era feito por meio de huma cornêta e de huma caixa, seria morto.

Era precizo por isso que a essas horas comparecesse tudo quanto era homem; eu e meu pai não nos negavamos a esta obrigação; pegava cada hum de nós em seu cantinho, e iamos para o lugar da reunião; alli designavão os que devião montar guarda, e fazer piquêtes, e debandava-se o povo.

De instante a instante o Gitirana repetia — quero fazer hum conseio milital!... Tomara que Sinhô Balaio já chegue!...

Oito dias depois da entrada delles chegou finalmente o Senhor Balaio, trazendo com sigo hum grande numero de povo, que com o que ahi se ia reunindo tinha bem dois mil rebeldes.

NOTA — Graças ao Cel. João Brigido dos Santos não se perderam estas *Memorias;* elle as houve do proprio autor, pobre professor primario, velho e cego. O original, condusido para o Rio de Janeiro por Capistrano de Abreu, está nos archivos do Instituto Historico Brazileiro ou da Bibliotheca Nacional.

NOTAS

1) Pe. F. Sadoc de Araújo — História da Cultura Sobralense — Imprensa Universitária — UVA-Sobral CE. — 1978. — Folha 78.

2) Abrimos um parêntese nas narrações de Romaco, visto na luta ter tomado parte um contingente de Sobral, e nele o então Sargento Francisco Frederico Figueira de Melo teve o seu batismo de sangue.

X

SITUAÇÃO DAS TROPAS BRASILEIRAS

Com respeito à Situação das Tropas Brasileiras, Romaco assim se referia:

Conforme muita conversa que ouvi dos senhores oficiais, fomos lançados na guerra, sem exército. As tropas brasileiras apresentavam a situação seguinte:

A Guarda Nacional praticamente possuía maior número de oficiais do que de praças.

A Tropa da 1.ª linha estava desfalcada do seu efetivo e a maioria dos soldados existente nos corpos era composta de conscritos à força, por perseguição política. O soldo, tanto de oficiais como das praças, era baixo e sempre pago com atraso.

Havia carência de fardamentos, capotes, calçados, barracas, e até de armamento.

À cavalaria e artilharia faltavam meios de mobilidade.

Quanto à infantaria, constituída por gente vinda do norte, quase toda de recrutas bisonhos, que jamais manejaram uma arma, ajuntados em corpos de voluntários improvisados desde os soldados aos chefes. (1)

Necessitava-se de tudo, com o agravante de não estarem os homens acostumados com o frio, que fazia grande número de baixas, pela pneumonia.

Foi neste estado que o General Luís Osório recebeu o comando geral das forças brasileiras, às barbas do inimigo, que não tarda em desenvolver suas operações agressivas. (2)

Osório, imediatamente lutando contra tudo e contra todos, vai suprindo a tropa do que ela necessita. Procura fazer desse caos, "um exército de brigar", conforme seu pitoresco linguajar.

A instrução militar é intensificada, cabendo ao Brigadeiro Antônio de Sampaio o supervisionamento do adestramento da arma de infantaria. Este exige o máximo dos comandantes do corpo de infantaria, os quais por sua vez vão apertando seus comandados. Havia instrução pela manhã e à tarde, e às vezes à noite, quando fazia luar. O Major Figueira de Melo, veterano de muitas lutas, exigia o máximo do nosso 26.º corpo que comandava. Dizia ele que no combate a sobrevivência do soldado dependia do seu adestramento.

O comandante instruía pessoalmente seus oficiais, aos quais não poupava. Muitas vezes, tomava parte no adestramento das praças, desvertindo-se do seu posto, apresentava-se como simples adversário.

Em relativo pouco tempo, o 26.º tornou-se um dos melhores corpos. Fazia gosto ver-se nossas manobras e até no corpo a corpo causávamos admiração.

Disso sentíamos muito orgulho, especialmente quando fazíamos demonstrações para Sampaio, que sempre trazia Osório.

O Brigadeiro Antônio de Sampaio nasceu em Tamboril, que pertencia à antiga Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Sobral.

NOTAS

1 — J. B. Magalhães — "Osório — Síntese de Seu Perfil Histórico" — Biblioteca do Exército Editora — Rio de Janeiro 1978.

2 — Idem, idem.

XI

O BRIGADEIRO ANTÔNIO DE SAMPAIO

Sobre o legendário Infante, Romaco assim contou:

Como um rastilho de pólvora, espalhou-se pela tropa a notícia da investidura do Brigadeiro Antônio de Sampaio para superintendende geral do adestramento dos corpos de infantaria.

Ao pé das fogueiras, a soldadesca boquejava muito bem sobre ele. Contava-se que havia ele nascido na fazenda Vitor, em Tamboril, sendo filho de família boa, porém pobre. Por tal razão teve desde cedo de enfrentar trabalho duro, nos roçados, na vaqueirice e por fim ajudando nos comboios e levas de gados e animais que demandavam os mercados de Sobral, Acaraú e até a província de Pernambuco onde eram negociados. Em face de sua invejável honestidade, logo chegou a chefiar o pessoal encarregado de tais serviços.

Era bastante estimado e apontado como bom filho, sustentando seus pais com largueza. Falecendo eles numa das pestes de bexiga que de vez enquanto assolava nosso sertão, na qual ele por muito pouco não morreu, ficou sozinho no mundo, tornando-se um jovem triste.

Daí por diante, sua única diversão era trabalhar, o que fazia como um mouro.

Num dia, na missa de desobriga em que o Padre visitador da freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Vila de Sobral, fazia ao povoado, ao qual pertencia a dita freguesia, Sampaio deu com olhos numa bonita moça, filha de rico e orgulhoso fazendeiro.

Daí por diante ele renasceu e como já possuía um "pé de meia" em mãos dum abastado fazendeiro e comerciante para o qual sempre comboiava, encarregou-o de fazer o pedido de casamento.

O pai da moça, com o olho num parente rico e solteirão, negou. Não satisfeito com a mágoa que causava aos dois jovens e diante da insistência do rapaz, encarrega aos seus capangas de botarem uma "tocaia" ao indesejável "pé-rapado", como ele nas ausências chamava.

Viajando Sampaio a Sobral com o fim de entregar uma boiada, já na confluência do Rio Acaraú com o Macacos é atacado, porém a bravura dele e dos companheiros faz os atacantes fugirem.

Ao mesmo tempo, o fazendeiro leva a filha para se casar em Santa Quitéria com o tal parente rico.

Ainda em Sobral, Sampaio sabe do acontecido e tomado de desgosto demanda à capital da província a fim de assentar praça no Batalhão de linha. O 22.º de Caçadores. Verificou praça em 17 de julho de 1830.

Logo nos primeiros tempos, afirma-se ele pelo amor ao trabalho e disciplina, dando-se ao estudo, enquanto seus companheiros empregavam as folgas em patuscadas.

Já furriel, em 4 de abril de 1832, toma parte no combate de Icó com as tropas de Pinto Madeira.

Como primeiro sargento, marcha com seu corpo para lutar na província do Pará contra a revolução conhecida como Cabanada. Isto deu-se no ano de 1835.

Na sua promoção ao posto de Alferes, em 20 de maio de 1839, já se encontra na província do Maranhão combatendo outra revolução, a Balaiada. É promovido a Tenente em 2 de setembro de 1839 e a Capitão no ano de 1843, no dia 11 de setembro.

Deixa o Maranhão em 4 de junho de 1844, transferido para a província do Rio Grande do Sul onde vai combater os Farrapos.

No ano de 1848, tem como missão sufocar na província de Pernambuco a Revolução Praieira.

Volta ao Rio Grande do Sul em 1849, contraindo núpcias com Da. Júlia dos Santos Miranda.

Já ocupando o posto de Major, nos anos de 1851 e 1852 participa da expedição à Colônia do Sacramento, toma parte ativa no combate de Monte Cazeros, na República Oriental do Uruguai.

É promovido a Tenente-Coronel em 1854.

Em 1858, já no Brasil, toma parte no combate de São Borja, donde são desalojadas tropas paraguaias que haviam invadido a província do Rio Grande do Sul.

No ano de 1859, em 4 de abril, segue para a Corte, já como Coronel, para Comandar o Corpo Policial.

Em 10 de dezembro de 1864 é promovido a General, marchando com a 1.ª Brigada de Infantaria, sob seu comando, para assaltar o reduto de Paissandu, no Uruguai.

No dia 18 de fevereiro de 1865 é promovido a Brigadeiro do Exército Imperial do Brasil.

No dia 24 de maio de 1866, aniversário de Sampaio, contando ele neste dia 55 anos de idade, fere-se a célebre batalha do Tuiuti. Ali comandando a 3.ª divisão conhecida como Divisão Encouraçada, é ele gravemente ferido.

Removido para o Hospital de Sangue em Corrientes e dali transportado para Buenos Aires, morre durante a viagem, a bordo do navio de nome Eponina, no dia 6 de junho de 1866.

Assim concluiu Romaco:

Sampaio fez uma longa e heróica viagem, levando trinta e seis anos para percorrer o penoso caminho
DE SOBRAL A TUIUTI.

XII

AINDA SOBRE A PRECÁRIA SITUAÇÃO DAS NOSSAS TROPAS

Continuando com a narrativa de suas memórias, diz o velho soldado:

O estado sanitário das tropas de infantaria, composta em sua maioria por "Cabeças-Chatas" era o pior possível.

Continuavam a nos atacar os defluxos e pneumonia que nos vinham massacrando desde que desembarcamos naa Corte. Isto era devido ao frio, cada vez mais brabo. Os poucos arvoredos e os campos amanheciam esbranquiçados como se neles fosse rebolado pó de cal. As águas paradas tinham pela manhã uma ligeira nata vidrada que os entendidos diziam ser o começo de gelo.

Diariamente havia baixas ao Hospital, as quais aumentaram com despropósito logo no começo de julho. Eram as BEXIGAS que não respeitavam nem os nortistas nem os sulistas que acostumados com o frio tinham doenças dos bofes. Escapavam da peste somente aqueles que dela tivessem sofrido e escapado da morte. Eu era um destes felizardos, pois quando menino sofri da danada numa das vezes que ela atacou em Sobral. Diziam meus pais que por um milagre não morri, pois meu corpo ficou coberto de "pustemas", não havendo lugar são que coubesse uma cabeça de alfinete. Deitavam-me sobre folhas de bananeiras trazidas penosamente da serra da Meruoca ou em folhas de pacova que no inverno se encontra nas lagoas de Sobral.

Os bexiguentos eram colocados numa antiga "saladera", local onde antes se fazia xarque. Chamava aquilo de Lazareto. Ali, podia-se dizer que era a calçada do inferno, pois o sofrimento pela doença era terrível e a fedentina insuportável. Isto afastava toda a gente, pois os padioleiros que ali conduziam doentes voltavam enguiando.

Graças à extrema caridade e dedicação do Capelão Frei Fidelis D'Avola (1) os pesteados recebiam humanitária assistência. Dia e noite ele não arredava pé do Lazareto. Tratava e confortava os doentes, administrando os últimos sacramentos aos moribundos.

Com sua bondade, consegue Frei Fidelis improvisar um corpo de tratadeiras, hoje chamadas enfermeiras, composto por companheiras de soldados, conhecidas como "Chinas".

Toda aquela que já havia tido a peste e dela escapado com vida atrevia-se a vir ao Lazareto para cuidar do seu homem e acontecendo ele morrer, a maioria delas ficava ali tratando dos outros pesteados.

Em se falando no humanitário trabalho do Frei Fidelis D'Avola, associa-se também ao do médico e cirurgião militar Dr. Francisco Alves Pontes, (2) que não media esforços para minorar o sofrimento físico e salvar vidas.

O Dr. Pontes fazia parte do Corpo Médico do Exército Imperial Brasileiro desde a nossa guerra contra Rosas o ditador da República Argentina.

Dizia ele que jamais tinha visto uma peste tão terrível como a que no momento nos atacava. Perdemos muita gente, especialmente porque mesmo nos casos mais benignos as feridas arruinavam, pois não havia nos Serviços de Farmácia qualquer desinfetante, pois até o Pergamanato de Potássio há muito havia se acabado e os homens lá na Corte pouco se preocupavam em suprir nossas forças do que elas necessitavam. Dizia-se entre os senhores oficiais que a única preocupação na Corte era tecer intrigas contra Osório.

No nosso Batalhão, uma das primeiras baixas, por morte em conseqüência das bexigas, foi a do Alferes José Demógenes de Holanda Cavalcante. Este Oficial foi enterrado na Vila de Concórdia, correndo as despesas por conta do seu comandante, o Major Francisco Frederico Figueira de Melo, conforme consta na Ordem do Dia do 26.º Corpo de Voluntários da Pátria, em data de 22/9/1865.

NOTAS

1 — Na Ordem do Dia n.º 525 da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, em data de 1.º de agosto de 1866, consta entre os oficiais elogiados, o nome do Capelão Frei Fidelis D'Avola pelo zelo, humanidade e dedicação para com os doentes e feridos.

2 — Pe. Francisco Sadoc de Araújo — História da Cultura Sobralense — Imprensa Universitária da UVA, Sobral-CE, 1978, na página 45, refere-se: O Dr. Francisco Alves Pontes foi o primeiro sobralense nato a laurear-se em medicina, em data de 20 de dezembro de 1841.

XII

MARCHA PARA CORRIENTES

Conforme foi acertado pelo Alto Comando Aliado, as tropas brasileiras sob o comando de Osório, já promovido a Marechal, iniciam seu deslocamento com destino a Corrientes. Partindo em 8 de agosto de 1865, marcham duas léguas atingindo Aiui Grande, onde acampam. Prosseguem a marcha em 29 num percurso de duas léguas e meia até Gualeguai Chico, onde permanecem acampados até 7 de setembro. Em 8 e 9 prosseguem até Mandisobra Chico e no dia 14 do mesmo mês acampam em Mandisobra Grande, onde permanecem até o dia 24. Neste acampamento foi recebida a grata notícia da rendição de Uruguaiana, nossa cidade que havia sido tomada por tropas paraguaias. A rendição foi no dia 18, sendo tal evento assistido pelo nosso Imperador D. Pedro II.

Prosseguindo nossa morosa e penosíssima marcha, na qual sofríamos frio, calor e chuvas excessivas atravessando banhados e atoleiros, atingimos no dia 26 a foz do Mocoreta. Com escassos e improvisados meios, do dia 27 a 30 passamos em atravessar este rio. Prosseguimos a marcha de 3 a 6 de outubro quando atingimos o Passo do João Pelino. Dali prosseguimos e no dia 9 acampamos em Esterito, em 11 chegamos a Siete Arboles, no dia 12 atingimos Curuzu-Cuati donde marchamos três léguas até Vaccaicutá onde chegamos a 13 e no dia 14 à noite atingimos Guabiju debaixo duma chuva nunca vista. O Voluntário João Francisco Linhares, prosista de marca, dizia que cada pingo era do tamanho duma mão fechada. No dia seguinte, a chuva continuou e por tal razão não pros-

seguimos na marcha. Porém no dia 16 apesar dos campos estarem bastante alagados conseguimos percorrer duas léguas até Aguaí. Em 17 chegamos a Guajubu com distância de duas léguas. Prosseguindo mais duas léguas acampamos no dia 18 em Itapocu, ali passando o dia 19, pois as chuvas continuavam intensas, porém em 20 marchamos três léguas chegando junto a Mercedes onde acampamos. No dia 22 abalamos novamente e depois do percurso de três léguas paramos na margem do arroio Ouenca, onde se aguarda a chegada dos Argentinos e Uruguaios.

Finalmente os brasileiros chegam em Corrientes em 21 de dezembro de 1865, acampando em Lagoa Brava.

O nosso Comandante, Major Figueira de Melo, continuava o adestramento do Batalhão embora a tropa já aguerrida. Sua exigência era imensa, conforme seu costume, muitas vezes na luta à baioneta ao ver alguém pouco atento, fazia-se seu adversário, dizendo sempre: "aqui não está seu superior, luta com raiva como se tivesse perante um inimigo". Todos alimentavam a esperança de vencê-lo, mas o homem lutava que nem o demônio e sempre usando meios até então desconhecidos, tanto empregando a baioneta ou a espada. Muitas vezes lutava completamente desarmado, ocasião em que seu adversário mais sofria pois levava pancada que nem boi ladrão. Apreciávamos bastante estas lutas e delas tiramos grande proveito, que mais tarde nos salvou da morte pelo inimigo.

XIV

INVASÃO DO PARAGUAI

O Exército Brasileiro em meados de fevereiro de 1866 marcha para Tala-Cora onde permanece até fins de março, quando se desloca para acampar à margem do Rio Paraná. Ali também acampam as forças argentinas e uruguaias.

Estavam assim os Exércitos Aliados prontos para invadir o território inimigo.

Na noite de 5 e 6 de abril de 1866 o comando das tropas brasileiras determina a tomada duma Ilha ou Banco de Areia situação ao sul do Forte Itapiru, baluarte paraguaio. Uma força brasileira de 900 homens, sob o comando do Tenente-Coronel Vilagram Cabrita, ocupa o objetivo. Ali constrói entrincheiramentos. Em 10 do mês em curso, pela madrugada, atacam os paraguaios com efetivo superior e constituído com tropas de elite. Os brasileiros conseguem rechaçar o ataque inimigo, graças à bravura de nossos soldados e oficiais, sendo um deles o Capitão Antônio Tibúrcio Ferreira de Sousa. (1)

Embora batidos, os paraguaios continuam a inquietar nossa posição com bombardeio vindo do Forte Itapiru. Uma das granadas mata o Tenente-Coronel Cabrita. (2)

Em reunião do Alto Comando Aliado discutindo-se qual seriam as primeiras tropas que invadiriam o território inimigo, Osório com sua peculiar bravura diz: "Digo que vocês façam lá o que quiserem, quem passa o rio sou eu e os brasileiros". (3)

Assim foi feito.

No dia 15 de abril às 6 horas da tarde começa o embarque de nossas tropas. O 1.º escalão composto pela 3.ª Divisão comandada pelo Brigadeiro Antônio Sampaio. Segue o 2.º escalão sob o comando do Brigadeiro Alexandre Gomes de Argolo Ferrão, constituido pela 1.ª Divisão. Desta grande unidade faz parte o nosso 26.º Corpo de Voluntários.

No dia seguinte, dia 16 às 8 horas da manhã, embarca Osório com seu Estado-Maior e Escolta de 12 cavalarianos gaúchos.

Começa a se movimentar o comboio às 8:30, sob a proteção do bombardeio da nossa Marinha de Guerra.

Os transportes cortam em perpendicular o Rio Paraná e entram no Rio Paraguai até o ponto de desembarque previamente escolhido.

Osório é o primeiro a pisar o solo inimigo e com sua escolta procede um ligeiro reconhecimento. Passando um banhado enfrenta os primeiros inimigos, os quais recuam em face do ataque de duas companhias de 2.º de Voluntários e uma do 11.º sob o comando do Major Deodoro da Fonseca, seguida pelo nosso 26.º de Voluntários sob o comando do major Figueira de Melo, que se adianta fazendo a perseguição. Mais além os paraguaios recebem reforços e reorganizados contra-atacam. O nosso 26.º por sua posição de vanguarda sofre o impacto inimigo que é recebido a baioneta, pois não dava tempo de recarregar as armas.

Com a chegada dos outros corpos da 1.ª Divisão, os paraguaios recuam para além dum riacho. Como chovia torrencialmente e estando no fim da tarde, não foi efetuada a perseguição ao inimigo.

Passamos a noite, pode-se se dizer praticamente, em claro, pois o chão molhado e as terríveis impressões do nosso batismo de fogo em que tivemos que matar para não morrer, a morte de companheiros e até de inimigos, estavam gravadas na mente. Digo nós, porque isto era a conversa geral. Depois fomo-nos acostumando. Matavam-se inimigos ou viam-se mor-

amigos como se fosse a cousa mais natural do mundo. Como se fazem as precisões que o corpo pede.

No dia seguinte, em 17 de abril, antes do amanhecer completo, as tropas do Lopez atacaram-nos com fúria de selvagens. Fazia uma gritaria terrível insultando-nos com os piores nomes que a língua deles tem. Entre outros desaforos, chamavam-nos de escravos e cambaí, o que na língua guarani quer dizer macaco preto.

O nosso Batalhão prontamente reage. É outra cena que ninguém pode esquecer. Todo mundo formado em linha de combate com seu comandante à frente e ao seu lado o corneteiro José Leandro, caboclo da Serra do Rosário, transmitindo nos toques as manobras que ele ordenava. No meio da formatura, tremulava nossa Bandeira conduzida pelo Alferes Peixoto de Alencar. A luta envolvia toda nossa Divisão. Como a munição estava praticamente esgotada e mesmo não dava tempo de recarregar a "minie" (4), o ataque foi de arma branca. Os paraguaios atacam em sua maioria, apesar de terem armas de fogo, com facão. Era uma arma terrível. Tinha o tal facão mais ou menos uma vara (5) e a lâmina, cerca de cinco polegadas. (6)

Não podendo o inimigo receber reforços, pois sua vanguarda recebia bombardeio de flanco pela nossa esquadra, teve que recuar.

Termina a luta, já quase na boca da noite e a vitória era nossa. No dia 18, a nossa Bandeira tremulava no Forte Itapiru, o qual Lopez não pôde sustentar a defesa. Fez ele um considerável recuo.

A vitória da vanguarda brasileira permitiu o desembarque de outras tropas de reforço e as carretas com munição de guerra e de boca.

Nossa Divisão aferra-se ao terreno conquistado. Passa à frente a 3.ª Divisão, comandada pelo Brigadeiro Antônio Sampaio, reforçada por dois Batalhões uruguaios e uma bateria de Campanha brasileira.

NOTAS

1 — José Aurélio Câmara — Um Soldado do Império — Livraria José Olímpio Editora.
2 — Idem, idem.
3 — J. B. Magalhães — Osório. Síntese de Seu Perfil Histórico — Biblioteca do Exército — Editora — Rio de Janeiro, 1978.
4 — Arma de fogo que a Infantaria brasileira usava na Guerra do Paraguai — Augusto Tasso Fragoso — História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — V volume — Imprensa do Estado Maior do Exército — Rio de Janeiro, 1934.
5 — Antiga medida de comprimento usada no Brasil. Corresponde a um metro e dez centímetros.
6 — Idem, idem, correspondente a vinte e sete milímetros e meio.

XV

PASSO DA PÁTRIA E ESTERO BELAÇO

Em 25 de abril de 1866, as Tropas Aliadas ocupam Passo da Pátria, posição fortemente entrincheirada que Lopez abandonou, forçado pelo bombardeio da Marinha de Guerra do Brasil.

Ali os Aliados estacionaram e construíram sua Base para reorganizarem-se e receberem os suprimentos necessários às forças em operação de guerra.

Desta Base, são mandadas patrulhas de cavalaria argentina para o reconhecimento à frente. Informaram as patrulhas estarem praticamente limpos de inimigos os terrenos por elas percorridos.

Em face da informação, é ordenado o avanço duma tropa de vanguarda. Segue ela despreocupada sem a devida segurança de destacar observadores pelos flancos, erro também cometido pelas patrulhas de reconhecimento, as quais não perceberam estarem os paraguaios acobertados nas matas e macegas ao lado do caminho a ser percorrido. Este caminho era o de Passo da Pátria a Humaitá.

No dia 2 de maio, no local que ficou conhecido como Estero Belaço, dos matos e macegas surgem fortes contingentes de infantaria e cavalaria inimiga que atacam de surpresa uma das nossas Baterias. Sua guarnição luta com bravura para repelir os ataques, porém suplantada pelo número e dizimada em sua maioria, os poucos sobreviventes recuam. Deixam porém quatro peças que foram arrebanhadas pelos paraguaios.

Noutros setores os aliados são também surpreendidos. Um Batalhão uruguaio já se encontra cercado pelo grande número de atacantes. É mandado em seu socorro o 13.º de Infantaria do Brasil. Numa luta cruenta e já contando consideráveis perdas, perigava ser cercado.

Conforme ordem de Osório, avança o 26.º de Voluntários em auxílio daquelas Unidades. Envolve-se na luta e sua ação alivia os dois Batalhões que conseguem a ele ajuntar-se. A união das forças faz o inimigo recuar. O 26.º de Voluntários, explorando o êxito, persegue os paraguaios em retirada. Na perseguição adianta-se consideravelmente dos outros Batalhões. Atravessa um banhado e a mata, e já numa clareira é surpreendido por um forte contingente de cavalaria. Defende-se formando quadrado, porém suas fileiras vão sendo dizimadas pela fuzilaria dos infantes com atiradores trepados nas árvores. Durante a luta o inimigo tenta penetrar no quadrado visando a tomar nossa Bandeira postada no centro, defendida por aquela muralha de homens.

Nosso Comandante, sem desfazer a formação, adota a tática do recuo passo a passo, procurando a mata que acabara de transpor, pois ali a ação da cavalaria era dificultada. Atingida a mata ordena o recuo da Bandeira garantida por uma forte guarda, enquanto o restante do Batalhão fica fazendo frente ao inimigo.

O Alferes Porta Bandeira com sua escolta, por caminho bastante difícil, inclusive atravessando um profundo lago, consegue chegar às nossas linhas, sempre conduzindo a Bandeira. Manda ao seu Comandante um estafeta com a comunicação de já se encontrar salva a Bandeira. (1) Somente depois de saber que a Bandeira do 26.º estava a salvo e unindo forças com o 13.º e parte do 1.º, Figueira de Melo, com seus homens, efetua a retirada para as nossas linhas. (2)

Em todos os setores, já no fim da tarde, o inimigo, vencido pelas nossas tropas, retira-se.

NOTAS

1 — L. Shineider "A guerra da tríplice aliança contra a república do Paraguai", traduzida do alemão pelo Dr. Manoel Thomás Alves Nogueira e anotados pelo Barão do Rio Branco os dois primeiros volumes — Rio 1902, consta no 2.º volume, folhas 13 a 15, referência sobre a salvação da Bandeira do 26.º, trazendo inclusive um artigo do "O Nacional de Buenos Aires" e anotações tiradas do Diário de La Campanã da Las Fuerzas Aliadas Contra El Paraguai, pelo Coronel do Exército Uruguaio — Leon Palleja (II pág. 265 a 267), no qual é focalizado o combate e as perdas do 26.º e do 13.º, como ainda o sofrimento e humilhação que os prisioneiros brasileiros sofreram em mãos paraguaias.

2 — Na Ordem do Dia n.º 153 do Quartel General do Comando em chefe do 1.º Corpo do Exército em operações, em data de 10 de maio de 1866 no Passo da Pátria, a qual acha-se transcrita na folha 431 da Ordem do Dia da Secretaria de Estado e Negócios da Guerra, n.º 520, em 5 de julho de 1866, consta, entre os oficiais elogiado pelo seu comportamento no combate de 2 de maio de 1866, o seguinte: Major Francisco Frederico Figueira de Melo, comandante do 26.º Corpo de Voluntários, pela energia que desenvolveu nas dificuldades em que casualmente se encontrou.

XVI

TUIUTI

Após a vitória do dia 2 de maio as Forças Aliadas estacionam em Estero Belaço a fim de se reorganizarem.

No dia 20 de maio é reiniciada a marcha em direção ao Norte. Neste mesmo dia foi ordenado o acampamento, perto duma lagoa, a qual era chamada lagoa Tuiutí.

Os dias sequentes foram empregados em proceder-se reconhecimentos à frente e como sempre a não ser pequenos choques entre patrulhas, nos quais o inimigo sempre fugia, não foi assinalada a presença de fortes contingentes paraguaios.

Em face do que era observado, o alto comando aliado resolveu que no dia 24 se fizesse um reconhecimento em maior profundidade, empregando forte contingente a fim de no dia 25 de maio, data magna da Argentina, efetuar-se um poderoso ataque, caso o inimigo fosse encontrado.

No dia 24, a não ser as tropas escaladas para o reconhecimento que já estavam em alerta, o restante dos exércitos aliados estavam ocupados com as obrigações naturais de acampamento, como se não estivéssemos em guerra.

Tinham sido mortas as rezes e distribuída a carne destinada à alimentação da tropa. Em frente das barracas, viam-se fogueiras para o preparo da "bóia". Eram mais ou menos 11:1/2 h. quando se inicia um bombardeio inimigo e das macegas começam a surgir tropas de cavalaria e infantaria paraguaia. Levam logo de roldão dois batalhões uruguaios e o 41.º de voluntários brasileiros que tomados de surpresa recuam. O

inimigo vem em perseguição. A artilharia brasileira sob o comando do Tenente Coronel Luiz Mallet, já alertada, abre rígido fogo contra o flanco dos perseguidores. Contornando eles um banhado, tentam calar os nossos canhões, atacando-nos de frente em sucessivas ondas que vêm esbarrar no fosso previamente aberto para proteger a artilharia. Frustrados no ataque por este setor, recuam para retornarem com maiores efetivos, visando a introduzir uma cunha entre os aliados.

Recebe o impacto direto do ataque, a 3.ª Divisão, sob o comando do Brigadeiro Antonio Sampaio. Os paraguaios sempre recebendo reforços, causam grande número de baixas na Divisão, a qual resistia tenazmente. Sampaio estava ferido. O Marechal Osório, sentindo a situação de perigo da 3.ª Divisão, manda em seu socorro a 1.ª Divisão, sob o comando de Argolo. Desta Divisão fazia parte o nosso 26.º de voluntários. Engajamo-nos na luta com vontade de vingar o nosso sofrimento de Estero Belaço. De início fizemos o avanço em linha de atiradores, porém como perigava atingir nossos camaradas já embolados na luta, investimos à baioneta. Transformamo-nos no decorrer da luta em verdadeiras feras acuadas, pois víamos em cada paraguaio a figura da morte, a qual tínhamos que destruir para não sermos destruídos. A zoeira do combate é comparável a uma música infernal e que por mais que se viva não há quem esqueça as misturas dos sons das explosões, o tinido das armas que se chocam, as vozes de comando repetidas pelas cornetas, os gemidos e gritos dos feridos e o pior de tudo eram os gritos ou relinchos dos cavalos feridos. Isto era de cortar o coração de qualquer vivente. Dentro de toda esta confusão, aqui e acolá ouvia-se algum soldado tirando "embolada", como era o caso do Pedro Albuquerque, homem branco de conhecida e importante família da serra da Meruoca. Era ele conhecido como gato, tanto pela cor dos seus olhos como pela sua ligueireza. Dizia ele que combatia tirando "embolada" era para esconder o medo que sentia e não por valentia. Isto era modéstia, pois ele era um

valente. Foi um dos primeiros a morrer quando a peste do cólera atacou nosso Exército.

Também nem tudo era cena ruim e desanimadora. Das cenas bem galantes e animadoras era o da nossa Bandeira tremulando no meio da tropa. Nela sempre tínhamos os olhos. No auge do combate, foi ferido o alferes Porta Bandeira e antes que ele caisse, o 2.º cadete, Domingos Cândido de Carvalho, que fazia parte do seu pelotão de guarda, dela se apodera e diz: "o porta bandeira foi ferido, porém aqui está outro" (1). Em poucos instantes este dito correu por todo o batalhão, como se fosse um rastilho de pólvora.

Lá pelas 4 horas da tarde o nosso comandante, o Major Francisco Frederico Figueira de Melo, foi ferido e passou o comando ao Capitão Felix da Silva, pertencente ao 8.º batalhão de linha, pois o subcomandante achava-se combatendo noutro setor, com parte do batalhão. Já na boquinha da noite, os paraguaios batidos em todos os setores e com grandes perdas retiraram-se desordenadamente.

O nosso batalhão teve fora de combate: (2) — Mortos 2 oficiais e 11 praças; feridos 5 oficiais e 63 praças. (3)

Infelizmente, embora tenha nos cabido a vitória, por falta de cavalaria e animais de tração não perseguimos o inimigo em fuga. Apenas nos aferramos ao terreno onde melhores condições de defesa oferecia. Para tal fim houve até ordem de recuo para as nossas tropas que mais haviam avançado. Como foi o caso da 1.ª Divisão sob o comando de Argolo. Recuou ele sob protesto. Desta Divisão fazia parte o corpo 26.º de voluntários.

Nos dias que se seguiram ao combate, veio a triste missão de enterrar os mortos, tanto aliados como inimigos. Os contingentes encarregados não davam vencimento pelo avultado número de mortos como pela dificuldade de terreno, pois com uma pequena escavação minava água que fazia os cadáveres aflorar. Os mortos serviam de banquete aos urubus e o grande número de cachorros que como os vivandeiros e chinas acompanhavam as tropas.

Em face da situação que se apresentava, o alto comando resolveu queimar os cadáveres, solução extrema. Para tal fim arrumava-se os mortos em camadas alternadas de lenha e palhas. Ateando-se o fogo, o calor provocava contrações dos corpos. Os defuntos arqueavam-se, davam pontapés e braçadas. Muitas vezes até derrubavam-se os companheiros de infortúnio.

NOTAS

1 — Ordem do Dia n.º 607 em data de 4 de janeiro de 1868 da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra que transcreve à folha n.º 859 a participação que fez o Comandante do 26.º Voluntários, Major Francisco Frederico Figueira de Melo sobre o combate de 24 de maio de 1866.

2 — Idem, idem.

3 — Relação dos feridos no combate de 24 de maio de 1866, conforme Ordem do Dia n.º 525 em 1.º de agosto de 1866, da Secretaria de Estado e Negócios da Guerra. Folha 588 e 589. — 26.º Corpo de Voluntários da Pátria — Major: Francisco Frederico Figueira de Melo.
Capitão: Francisco Brigido dos Santos
Tenente: Pedro Januário de Paiva Dias
Alferes: José Martiniano Peixoto de Alencar e Patrício Emílio Sepulveda Ewerard.
2.º Sargentos: Pedro Martins Falcão, Vicente Ferreira Filho de Maria e José Soares de Souza Fogo.
Furriel: Antonio Francisco Feitosa.
Cabos: João Francisco de Souza, João Antonio Labatut, João Cavalcante de Albuquerque, Clemente da Silva Braga e Alexandre José Joaquim.
Anspeçadas: Manoel Francisco de Souza, José Lopes da Cunha e Francisco Moreira da Cunha.

Mestre de Música: Joaquim Alves da Rocha Carestia.
Músicos: Antônio Francisco da Costa e Florêncio Rodrigues de Arruda.
Soldados: João Paulino de Oliveira, Manoel Rufino de Oliveira, Manoel Freire de Azevedo, Manoel Saraiva de Menezes, Manoel José Moreira, Manoel José Inácio, Manoel Francisco Alves, Antônio Balbino dos Anjos, Agostinho de Souza Ferreira, Elias Vieira da Costa, Luiz Gomes de Vasconcelos, Manoel Corrêa de Souza, Joaquim Corrêa da Silva, Germano Luiz Pereira, Francisco Rodrigues Pereira da Silva, Francisco Rodrigues de Vasconcelos, Laurindo Lobo da Silva, André José Viana, Domingos da Cruz Linhares, Argemiro Lopes Cunha, João Dado da Silva, José Antônio Fernandes, José Fernandes da Silva, José Alves da Costa, José de Lira Sobrinho, José Nunes de Souza, José Julião Pereira Barros, José Amâncio de Lima (1.º cadete), João Antônio do Nascimento, João Batista Ferreira Lima, João da Costa Maciel, Joaquim Pereira da Rocha, Bernardino Alves Bezerra, Francisco Antônio de Castro, Vicente Pereira da Silva, Pompílio José Nogueira, Clarindo Antônio de Souza, Emiliano Avelino de Souza Passos, Florindo Pinho da Penha, Antônio Corrêa Lima, Francisco José Pereira, Rufino Antônio de Freitas, Francisco Rodrigues da Silva, Francisco Lopes Galvão, João Gonçalves Pereira, Feliciano Francisco de Souza, Luiz Rodrigues Monteiro (2.º cadete) e Eugênio Pereira da Rocha.

XVII

PARTE SOBRE O COMBATE DE 24 DE MAIO

Parte sobre o combate de 24 de maio de 1866 transcrita na Ordem do Dia número 607 em data de 4 de janeiro de 1868 da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra, folhas 8 e 9.

Ilmo. Sr. Cumprindo o dever de relatar a parte que teve o corpo de seu comando na batalha de 24 do corrente, declaro que V. S. presenciou pessoalmente a ordem em que ele combateu até às 3 horas da tarde em que V. S. foi com dois corpos da brigada para o flanco esquerdo, tendo V. S. ocasião de mandar mudar de frente em linha por duas vezes; também presenciou a maneira por que se desenvolveu o corpo.

Cumprindo especializar nesta minha parte a bravura e intrepidez do Major em Comissão Joaquim Inácio Ribeiro de Lima, que até a ocasião em que foi acudir o flanco direito com duas companhias e saiu de minhas vistas, ainda mostrou por mais esta vez que é ainda o bravo de Cáceres, assim como o Capitão José Carlos Batista da Cruz, que pela bravura e calma que sempre conservou no combate muito me ajudou a conservar a ordem, e assim como o Capitão Jorge Maia de Oliveira Guimarães, que sendo contuso na perna ainda continuou no combate; o Capitão em Comissão Tenente do 11.º de Infantaria Júlio Cesar da Fonseca, que combateu como um bravo; o Alferes do 1.º de Infantaria adido a este corpo Patrício Emílio de Sepulveda Ewerard, que recebendo uma grave contusão no braço, continuou na fileira e só depois de acabado o combate é que foi curar-se; o Alferes em Comissão, particular 1.º Sargento do 8.º Batalhão de Infantaria Pompeu do

Amaral Belota, que exercia as funções de ajudante, o qual, traspassado por uma bala, morreu bem cumprindo o seu dever; este oficial era casado na província da Bahia e tem filhos; o 2.º Cadete Domingos Cândido de Carvalho, que fazia parte do pelotão de bandeira, vendo ferido o Alferes porta-bandeira, tomou conta da bandeira, dizendo-me com muita calma: o porta-bandeira foi ferido, porém aqui está outro, e o 2.º Sargento José Soares de Sousa Fogo, que sempre procurando com a maior calma e semblante alegre ferir o inimigo, foi contuso no peito, porém mesmo assim continuou até o fim.

Finalmente, os oficiais e praças de meu comando combateram como bravos soldados.

As 4 horas, tendo sido eu ferido, e não podendo continuar no combate, ainda não tendo-se recolhido do flanco direito o Major Lima, achando-se o 8.º Batalhão de Infantaria na linha de combate, pedi ao Comandante deste corpo que mandasse um oficial tomar o comando do corpo até que o referido Major se recolhesse, o que fez, e felizmente o corpo conservou a mesma ordem, combatendo até que o Major se recolheu.

O Capitão Joaquim Ribeiro da Silva Peixoto e Tenente Antônio Francisco da Cruz Cardoso, do 4.º de Voluntários, apresentaram-se-me, e na fileira combateram até que foram feridos.

Este corpo teve fora de combate: mortos 2 Alferes, Cabos, Aspeçadas, Músicos e Soldados 11; feridos: 5 Oficiais, Sargentos, Cabos, Aspeçadas, Músicos e Soldados 63.

Deus guarde a V. S. Ilmo. Sr. Coronel Carlos Resin, Comandante da 10.ª Brigada, a) Francisco Frederico Figueira de Melo, Major Comandante do 26.º Acampamento em Tuiuti, 28 de maio de 1866.

XVIII

COMBATES DE 16 A 18 DE JUNHO DE 1866

A inação dos Exércitos Aliados depois da batalha de 24 de maio, favoreceu bastante aos paraguaios. Lopez manda buscar novas tropas e material de guerra e fortifica-se à nossa frente e nos flancos acobertados pelas matas.

Logo no mês de junho as tropas inimigas dão começo aos bombardeios de inquietação e tentativa de "golpes de mão", os quais vão se intensificando à medida que decorrem os dias finais de junho e a primeira quinzena de julho.

Acobertados pelas macegas, conseguem os paraguaios abrir trincheiras em nosso flanco esquerdo, donde nos bombardeiam à distância relativamente curta.

Em face da situação, o comando aliado acertou atacar tais posições, sendo marcado o dia 16 de julho.

Osório com sua saúde seriamente abalada, pede urgente substituição. No dia 15, véspera do ataque, assume o comando das forças brasileiras em substituição a Osório, o Marechal Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão.

Polidoro, no mesmo dia em que assumiu, expede as ordens necessárias para o ataque no dia 16, conforme já estava acertado, pois o adiamento daria ansejo a Lopez melhorar e ampliar as fortificações que planejávamos atacar.

Na madrugada do dia 16, o primeiro escalão composto da 4.ª Divisão Brasileira sob o comando do Brigadeiro Guilherme Xavier de Sousa, atira-se com ímpeto sobre a trincheira inimiga que mais próxima se encontrava. A força inimiga que a guarnecia, após tenaz resistência, retira-se. Per-

seguidos pelas forças de Guilherme Sousa até uma meta, ali recebem reforços e contra-atacam. Visam retomar a trincheira. Como o combate se tornava cada vez mais intenso, em face dos reforços que os paraguaios vinham recebendo, Guilherme pede auxílio à 1.ª Divisão, sob o comando de Argolo, postada como reserva.

A 1.ª Divisão vai enviando seus corpos, à medida que são solicitados, porém a luta cada vez mais se intensifica.

Por fim, aproveitando um momentâneo recuo inimigo, a 1.ª Divisão ocupa totalmente o setor onde combatia a 4.ª Divisão de Guilherme Sousa, a qual se retira.

Retorna o inimigo em ondas sucessivas com ataques de baionetas à frente, terrível fuzilaria e bombardeio partindo do flanco direito.

Sempre repelindo os ataques, a 1.ª Divisão fica no posto até 11 horas da noite, quando é substituída pela 6.ª comandada pelo Brigadeiro Vitorino José Carneiro Monteiro. Durante o combate, embora tenha Argolo recebido permissão do alto comando para abandonar a posição (1) não cede um palmo.

No dia 17, não houve ataque pelo inimigo, oferecendo-se oportunidade aos aliados para a distribuição estratégica de suas tropas.

No dia 18, logo pela manhã recomeça o combate o qual durou todo o dia. Os aliados bateram-se em três setores, servindo os pontos conquistados para esboçar a futura posição de linha de vigilância, mais tarde conhecida pelo nome de "linhas negras" por defrontarem-se com as que Lopez criou.

NOTAS

1 — Em História da Guerra Entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — General Tasso Fragoso — III Volume — Imprensa do Estado Maior do Exército — ano de 1934, página 25 — (Nota 17). Em seus camentários à História da Guerra do Paraguai do Major Max Von Versen,

escreveu Cunha Matos: "às 5 horas da tarde de 16, os Generais Mitre e Polidoro resolveram autorizar o General Argolo a abandonar a posição, em vista da tenacidade com que os paraguaios repetiam os assaltos.

O General Argolo, porém, respondeu verbalmente pelo Capitão Aires Âncora: "não me retiro; diga ao Sr. General que a 24 de maio estive em Rojas e que, tendo-me retirado, por ordem superior, estou hoje vendo Rojas por um óculos."

Esta resistência devemos não ter perdido a posição, o que teria como consequência a perda da posição ocupada pela nossa primeira linha, que passava a ser enfiada e se tornaria insustentável.

XIX

PARTE DO COMBATE DE 16 DE JULHO FEITA PELO CONANDO DA 1.ª DIVISÃO

Acha-se transcrito na Ordem do Dia n.º 636 da Secretaria de Estado e Negócios da Guerra, em data de 17 de setembro de 1868, a participação feita pelo comandante da 1.ª Divisão, Brigadeiro Alexandre Gomes de Argolo Ferrão:

Ilmo. e Exmo. Sr. — Cumpro um dever, fazendo chegar ao conhecimento de V. Excia. várias ocorrências dadas por ocasião do combate que teve lugar a 16 do corrente, não o tendo feito já, porque o trabalho é função de tempo, e na posição em que se fez V. Excia. a honra de colocar a 1.ª Divisão, o tempo me não tem sobrado.

Às sete horas da manhã do mencionado dia 16, deu-me V. Excia. ordem de avançar com a divisão a fim de apoiar a 4.ª encarregada de tomar ao inimigo uma trincheira que se achava ali construída sobre o flanco esquerdo do nosso acampamento. Avancei, pois, o encontrando pouco aquém da trincheira tomada, o Exmo. Sr. Brigadeiro Guilherme Xavier de Souza, comandante da indicada 4.ª Divisão, a ele dirigi-me para o fim com que ali estava a meu comando, a obter a cerca da marcha que levava o combate, esclarecimentos que me poderiam ser precioso. Feito isto, regressei para a 8.ª brigada da minha divisão, que em linha havia colocado proximamente à referida trincheira, tendo a esquerda apoiada ao mato, e a direita sobre um banhado.

A pedido do Sr. Brigadeiro Guilherme mandei-lhe de proteção às 7:1/2 horas da manhã, o 46.º corpo de voluntários,

às 7:3/4 o 8.º de Infantaria, e pouco depois o 16.º também de Infantaria. Tendo o 10.º de Voluntários ficado por ordem de V. Excia. encarregado de proteger o 1.º regimento de artilharia a cavalo, e tendo a 8.ª brigada no campo só quatro corpos, achava-se ela, à vista do expendido toda engajada em combate às 8 horas mais ou menos da manhã, e como houvesse eu recebido às 8:1/2 novo pedido de mais dois corpos para desalojarem o inimigo de uma posição que ocupava em força, avancei com o 2.º de Voluntários e 13.º de Infantaria, e mandei ordem ao Tenente Coronel Francisco de Farias Rocha para que com os três corpos restantes de 10.ª brigada (22, 26 e 40.º de Voluntários) que havia eu deixado em segunda linha, e à pouca distância avançasse a fim de apoiar, se fosse preciso, os que se acharam já engajados (os da 8.ª Brigada e o 2.º e 13.º da 10.ª).

Chegando os dois corpos a trincheira tomada, foram-se retirando os da 4.ª divisão, passando assim a ficar desde às 9:1/2 da manhã entregue à 1.ª divisão a sustentação e defesa da trincheira e suas imediações.

Continuava renhido o combate e esforçou-se o inimigo para retomar suas posições, fazendo para isso convergirem à sua esquerda novas forças. Às 3 horas mais ou menos da tarde, tendo recebido consideráveis reforços, tentou por quatro vezes retomar as posições, atacando-as de frente à baioneta e de flanco por meio de um terrível fogo que fazia partir do mato à nossa direita.

Devidamente recebidos, foram também por quatro vezes rechaçados, mas continuaram a procurar a consecução do seu fim, por meio de um terrível fogo de infantaria e artilharia, auxiliados por foguetes e congreve que não cessavam de lançar sobre os nossos.

Não obstante, porém, sustentou a 1.ª divisão o posto até às 11 horas da noite, em que foi substituída pela 6.ª ao mando do Exmo. Sr. Brigadeiro Vitorino José Carneiro Monteiro. Dizer a V. Excia. o como portou-se ela, parece-se desnecessário, à vista da sucinta exposição que acabo de fazer, mormente quando declaro que rendo graças à Providência pelo triunfo que nos fez alcançar, pela pronunciada proteção que nos deu e nos dá sempre, porque fez com que a 1.ª divisão se portasse ainda mais uma vez, de forma que é para mim distinta honra o comandá-la. Além disso, ela prefere deixar aos que a viram ajuizar do que ela fez.

Os comandantes das duas brigadas, coronel L. José Baltalzar da Silveira e tenente coronel Francisco de Farias Rocha fizeram bem o seu dever: aquele veterano da nossa independência, não obstante sua avançada idade, e de ter levado um tombo do cavalo, que algum tanto o molestou, não quis deixar a brigada e fez com ela muito bem o seu dever, este, com quanto recruta, mostrou que também pode um soldado novo cumprir o seu com calma, dignidade e valor como ele o fez.

Não tive comandante de corpo que deixasse de portar-se muito bem e folgo de declarar que mais uma vez brilharam os do 2.º de voluntários, 13.º de infantaria, 22 a 26 de voluntários, majores Manoel Deodoro da Fonseca, Augusto César da Silva, Caetano da Costa Araújo e Melo e o Tenente Coronel Francisco Figueira de Melo, que os do 8.º e 16.º de linha, major Joaquim Luiz de Azevedo e capitão Antonio Joaquim Gomes, fizeram muito bem o seu dever e que os comandantes interino do 22.º e 40.º de voluntários, capitão Antonio Caetano da Silva e Feliciano José Henriques, souberam imitar os efetivos.

Quanto à maneira por que se portaram os corpos, e o que cada um deles coube fazer, refiro-me às partes de seus respectivos comandantes, que juntas remeto com as dos comandantes das brigadas os que fazem parte.

Nós perdemos 12 oficiais mortos, 34 feridos e 13 contusos, 91 praças de pré mortas, 476 feridos e 92 contusas e 3 extraviadas conforme vê-se dos mapas e relações que acompanham esta parte

No número de oficiais mortos, acha-se infelizmente o comandante interino do 16.º de linha, capitão Antonio Joaquim

Gomes e o major do 46.º de voluntários Júlio Pompeu de Barros Lima; no dos feridos o major comandante do 22.º de voluntários Caetano da Costa Araújo e Melo e no dos contusos o Tenente Coronel comandante do 26.º de voluntários Francisco Frederico Figueira de Melo.

Não me recusei de declarar que os oficiais do meu estado maior capitães Eduardo Emiliano da Fonseca e João Xavier de Rego Barros, alferes Antonio de Vasconcelos, Afrodísio José de Amorim e Francisco de Paula Argola, portaram-se muito bem, fazendo-se porém credores de particular menção o capitão Eduardo, Alferes Francisco Argolo e o tenente ajudante do 22.º de voluntários João Rodrigues Freire de Carvalho, que durante a ação, serviu às minhas ordens, e que brilhantemente distinguiu-se por seu valor, inteligência, dedicação e atividade.

Terminando esta exposição não farei ser felicitar a V. Excia. pelo triunfo alcançado a 16 do corrente.

Deus guarde V. Excia. Quartel General do Comando da 1.ª Divisão do 1.º Corpo do Exército Imperial em Tuiuti, 23 de julho de 1866. Ilm.º e Exm.º Sr. Marechal Polidoro Quintanilha Jordão, comandante em chefe do exército.

— Alexandre Gomes de Argolo Perrão, brigadeiro.

XX

CURUZU E CURUPAITI

Em Tuiti os exércitos aliados encontravam-se ainda impossibilitados de avançar.

Aliviado, o Brasil, pela expulsão das tropas paraguaias que atacaram o nosso território, envia para o campo de luta um novo corpo de tropa denominado 2º. corpo, comandado por Marques de Sousa, Barão de Porto Alegre. Tem por missão atacar os baluartes inimigos de Curuzu e Curupaiti.

Transportada pela esquadra brasileira que procede um forte bombardeio no primeiro objetivo, Porto Alegre com sua força, desembarca a 3/4 de légua de Curuzu no dia 2 de setembro de 1866.

No dia 3 efetua-se o ataque. Depois de cruenta luta, o baluarte do inimigo é ocupado. Durante este ataque os aliados em Tuiuti procedem manobras para inquietar o inimigo e evitar o deslocamento de reforço para Curuzu.

O 2.º corpo depois da tomadas do baluarte, ali permanece. Não segue em perseguição aos vencidos para atacar o segundo objetivo, Curupaiti, em face do desconhecimento do terreno e do efetivo das forças inimigas.

Tal decisão, embora justificável, deu tempo a Lopez fortificar suas posições em Curupaiti, criando e aproveitando os obstáculos naturais.

Em reunião do comando aliado, foi acertado o ataque para o dia 22 de setembro de 1866.

Para um melhor êxito do ataque, Porto Alegre recebe reforços de tropas brasileiras e argentinas, vinda de Tuiuti.

No alvorecer do dia 22, nossa esquadra inicia o bombardeio preparatório, o qual ao meio dia é suspenso para permitir o avanço das forças de Porto Alegre.

Nossas forças arremetem com entusiasmo contra uma trincheira avançada do inimigo, a qual é tomada. Procuram seguir avante, porém o avanço torna-se bastante difícil, pois o terreno a ser percorrido é cheio de obstáculos, como seja abatizes e fossos com madeiras despontadas. Para desbordar tais obstáculos a tropa desfaz a formação de ataque e a progressão se torna morosa. Isto é aproveitado pelos paraguaios que bem obrigados caçam impiedosamente nossos soldados, alvo fácil. Não havendo possibilidade de atacar pelos flancos como também remeter reforços de tropas que se encontram de reservas, pois avançamos frontalmente por terreno limitado por atoleiros e aguadas, Mitre aconselha a retirada a fim de evitar maiores sacrifícios de vidas.

Os atacantes, ou seja, os aliados voltam a curuzul.

Esta foi a maior e única vitória de Lopez contra as forças da tríplice aliança.

XXI

A INAÇÃO DAS TROPAS ALIADAS EM TUIUTI

Depois do fracasso de Curupaiti, as tropas aliadas entraram em completo paradeiro. A única preocupação era o de manter as posições conquistadas, as quais eram circundadas pelas célebres "Linhas Negras".

A não ser pelos bombardeios de inquietação, ataques de surpresa, choque entre patrulhas, fuzilamento por atiradores de tocaias e os rotineiros toques de cornetas, assemelhávamos muito mais a um acampamento de ciganos do que a um exército em operações em terras inimigas.

A ociosidade estava corroendo as tropas como cupim em madeira. O carteado e as bebidas campeavam. O pessoal de folga vivia mais tempo pelos abarracamentos do comércio do que no acampamento, até mesmo alguns oficiais. Aqueles que não se davam a tal desfrute, reuniam-se ora na barraca de um, ora na de outro. Conversa-se sobre vários assuntos, inclusive sobre a libertação dos escravos e a nascente idéia republicana. Esta última tinha um número muito pequeno de adeptos.

Liam-se jornais da Corte, que embora chegados com grande atraso eram bastante disputados.

Falava-se mal da inação dos aliados, apontando-se que tal situação era criada por Nitre e Flores que tinham interesse no prolongamento da guerra pois assim não cessava o rio de ouro que o Brasil, embora se endividando e empobrecendo, fazia correr para eles e seus apaniguados. (1)

Também corria à "boca pequena" que alguns figurões da Corte tiravam bons proveitos, inclusive recebiam percentuais

sobre os empréstimos que o Brasil não cessava de pedir ao exterior.

Os paraguaios além das ações militares faziam chegar-nos às mãos panfletos e jornais. Num dos panfletos eram explicadas as razões de Lopez em invadir as terras brasileiras cujo ato classificava como autodefesa de sua soberania. Alegava atos inamistosos por parte do Império, como a construção em terras paraguaias dos Fortes de Dourado e Miranda e a invasão do Uruguai com o qual a República do Paraguai mantinha tratado de não agressão e defesa que era obrigado a honrar. (2)

Quanto aos jornais, o Paraguai mantinha na própria frente de combate alguns como o "CABICHUI" (abelha em guarani), tendo o logotipo de primeira página um soldado brasileiro, negro perseguido pelas abelhas. (3)

O Cabichui trazia agressivas "charges" contra os exércitos aliados e seus dirigentes. (4)

Lopez, pelo fato de a maioria dos soldados paraguaios saber ler e escreve, aproveitava-se para doutroná-los. A Alfabetização no Paraguai já em 1824 era notada pelo sábio francês Gransir que escrevia a Humboldt: "aqui quase todos os habitantes sabem ler e escrever". (5)

NOTAS

1 — Leon Power — "Paraguai: Nossa Guerra contra esse soldado", publicação da coleção História Popular n.º 3 à pág. 42, diz: "Alguns testemunhos são verdadeiras confissões. Ajudam a esboçar com traços mais precisos a realidade. O Marquês de Caxias, chefe supremo das tropas imperiais, escreve a 20 de dezembro de 1867. Nossos aliados não querem pôr fim à guerra, porque com ela estão tirando seus lucros e empobrecendo o Brasil. Depois que Mitre subiu ao poder, procura frear por todos os meios ao seu alcance o desenrolar das operações.

2 — Teixeira Soares — História da Formação das Fronteiras do Brasil — Biblioteca do Exército, ano 1973 — Págs. 241 a 261.

3 — Júlio José Chiavennatto — "Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai" 12.ª edição — 1980.

4 — Idem, idem.

5 — Leon Power "Paraguai: Nossa Guerra contra esse soldado". Publicação da coleção Histórica Popular n.º 3 pág. 16.

XXII

A MORTE DE FIGUEIRA DE MELO

Assim contou Romaco:

No dia 29 de outubro de 1806, já no fim da tarde, nosso Comandante, acompanhando o Marechal Argolo Ferrão e Oficiais do seu Estado-Maior, inspecionavam as Linhas Avançadas no setor em que o 23.º Corpo de Voluntários, sob o seu comando, estava tirando a guarda avançada.

Já se encontravam quase no fim da parte que nos cabia guardar, quando o Tenente-Coronel Figueira de Melo, levando as mãos à testa, inclina-se para a frente caindo incontinenti do cavalo em que montava.

Os oficiais que se encontravam mais perto precipitaram-se para o local onde ele havia caído. Ali, já o encontraram sem vida, tendo um ferimento de bala na testa, quase entre os olhos.

De imediato, afastou-se a possibilidade de ser tiro inimigo, pois se assim o fosse, não partiria do lado em que estava postada nossa sentinela e mesmo já estávamos acostumados a perceber e diferençar o estampido das nossas armas e o dos deles, como também pelo fato de alguns dos nossos ainda terem vislumbrado o rumo desde donde partira o disparo.

Incontinenti, parte a Escolta de Guarda em rumo às nossas linhas de sentinelas, fazendo grande fulha, gritando: não atirem, somos brasileiros.

Ao percorrer cerca de quarenta braças, encontram uma nossa sentinela, o cadete Francisco José das Neves (1) em

estado de pavor, dizendo ter atirado sobre uns cavaleiros que deviam ser paraguaios.

O Sargento Raimundo Melo (2), conhecido como "Taioca", devido ser muito corado e ter os cabelos e barbas avermelhados, diz ao Neves que o tiro havia morto o nosso Comandante.

O Cadete recarrega a arma e aponta para si próprio diz não mais merecer viver por haver morto o seu Comandante, julgando ter atirado nos inimigos que vinham fazer sortidas.

O sargento, com ligeireza de gato, dá um safanão na arma, desviando o tiro que por milagre não atinge o Alferes Raimundo Ximenes Aragão, que ali vinha chegando à toda brida do cavalo, por ordem do Marechal Argolo, o qual daí a pouco chega também. Argolo ordena a remoção do Cadete para o Corpo da Guarda do Exército. O rapaz quase aloucado diz que deseja ser fuzilado, pedindo apenas a graça de ser executado junto ao corpo do seu Comandante.

O Marechal, com sua calma peculiar, apeia-se ao cavalo, põe as mãos sobre os ombros do Cadete, dizendo: "meu filho, infelizmente não posso atender o seu pedido, pois contraria o regulamento militar e os direitos humanitários. Terás um Conselho de Guerra justo. Não ordeno, peço-te que acompanhes a Escolta. Percebo teu sofrimento que também é nosso. O moço acalma-se e qual "alma penada" deixa-se conduzir pela Escolta, sempre pedindo que o mate.

O corpo de Figueira de Melo foi conduzido para o acampamento e no dia seguinte, voltando o Batalhão das avançadas, foi feito o enterro. Foi a cousa mais comovente que já vi, pois embora todos nós estivéssemos bastante curtidos com o sofrimento e constantemente convivendo com a morte que sempre levava bons companheiros e vivia nos arrodeando como "verejeira", extravazamos aquilo que inconscientemente armazenávamos no fundo dalma. Vi muito oficial, graduado e soldados tidos como duros ou até sem alma, passando a manga nos olhos para enxugar as lágrimas.

Embora fosse costume enterrar-se os nossos mortos diretamente na cova, ao Comandante fizemos exceção. Os carpinteiros do Corpo, aproveitando a madeira duma velha carreta, fizeram um tosco caixão.

O enterro foi feito numa coxilha, relativamente perto do nosso acampamento. A encomendação foi feita pelo Capelão Militar, Padre Guerra (3) que ao terminá-la assim falou: "Caros camaradas, esta foi uma imprópria morte para um herói que luta desde os dezoito anos, galgando a maioria de suas promoções por atos de bravura. Lutou ele com denodo contra os Balaios e Farrapos, Oribes e Rosas, estes ditadores do Uruguai e Argentina que, em seus sonhos doentios, desejavam anexar nossa Província do Rio Grande do Sul às terras que eles infelicitavam.

Agora novamente, em luta contra um outro Ditador que envenenou e jogou contra o Brasil o bravo povo paraguaio, cujo solo somos obrigados a invadir como ato de defesa de nossa pátria.

Meu camarada e amigo Tenente-Coronel Figueira de Melo, todos nós podemos testemunhar tua incomum valentia na luta e tua caridade cristã para com o inimigo vencido. Tal qual os lendários cavaleiros sempre defendendo os mais fracos, atacavas com rancor os injustos e prepotentes.

Podemos testemunhar ainda o zelo para com os seus comandados, os quais, sem o saberem, chamavam-te "Pai Figueira" ou "Pau Figueira" quando recebiam justo castigo.

Este cearense, representando o teu 26.º que brava e sabiamente comandaste, já tocado de forte emoção sente-se incapaz de continuar. Limita-se a pedir ao bom Deus que receba tua alma, permitindo a São Francisco vir ao teu encontro na escadaria do céu e com sua humildade dizer-te: Seja bemvindo "xará". Assentemo-nos neste batente enquanto o irmão Arcanjo Miguel pesa em sua balança as tuas orações na terra. Descança de tua longa e penosa caminhada.

De SOBRAL A TUIUTI.

1 — Em documento fornecido pelo Arquivo do Exército, folha 65, livro 12, consta o seguinte:

Tuiuti, 24 de dezembro de 1866

Im^{o}. Exm^{o}.

Às 6:1/2 da noite de 29 de outubro último, o Tenente-Coronel FRANCISCO FREDERICO FIGUEIRA DE MELO, Comandante do 26.º Corpo de Voluntários, em companhia do Marechal de Campo Alexandre Gomes d' Argolo Ferrão e outros oficiais corriam as linhas, atravessando as picadas guardadas por sentinelas nossas, quando um tiro dado por uma sentinela, o Cadete Francisco José das Neves prostou-o no chão quase instantaneamente morto.

S. Ex^{a}. o Sr. Marechal Argolo refletindo que na frente dessa linha ainda havia gente nossa, o que mesmo quando tivesse escuro ou não, se previniam as sentinelas para não fazerem fogo sem reconhecerem primeiro sobre quem atiravam, pensou que o referido Cadete era pelo menos culpado de precipitação e temor exagerado; fí-lo recolher a guarda do Exército, onde aquele Cadete ainda se acha e como para reconhecer a criminalidade que pudesse haver em tal acontecimento mandei sujeitar o Cadete Neves a conselho de investigação, cujo processo tenho a honra de enviar a V. Ex^{a}. para que se digne deliberar como entender.

Deus guarde V. Ex^{a}.

Ilm^{o}. Exm^{o}. Sr. Marechal do Exército e Marquês de Caxias

Comandante em Chefe das Forças Brasileiras (assinado) Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão.

2 — Segundo Romaco, o Sargento Raimunlo Melo era das bandas dos Crateús e vindo a Sobral trazer uma "ponta de gado", entusiasmou-se com as propagandas para angariar voluntários, alistando-se no "troço" de José Peregrino Viriato de Medeiros. Dizia o informante que era ele valente e agressivo como as formigas de nome "Taioca", tendo morrido bravamente em Caimbocá, em 2 de dezembro de 1867, quando uma nossa pequena força foi surpreendida pelo inimigo.

3 — Padre José Cândido da Guerra Passos, conhecido como Padre Guerra. Fez a Campanha do Paraguai como Capelão Militar, voltando como Tenente-Coronel Capelão.

BIBLIOGRAFIA

Craveiro Filho — O Centenário — Álbum Histórico Comemorativo do Primeiro Centenário da Cidade de Sobral — 1841-1941. Sobral, 1941.

D. José Tupinambá da Frota — História de Sobral — Fortaleza, 1974.

Pe. Francisco Sadoc de Araújo — Cronologia Sobralense — I — Fortaleza, 1974.

Pe. Francisco Sadoc de Araújo — Cronologia Sobralense — II — Sobral, 1979.

Pe. Francisco Sadoc de Araújo — História da Cultura Sobralense — Sobral, 1978.

José Aurélio Saraiva Câmara — Um Soldado do Império General Tibúrcio e seu Tempo — Rio de Janeiro, 1978.

Teixeira Soares — História da Formação das Fronteiras do Brasil — Rio de Janeiro, 1973.

F. de Paula Cidade — Síntese de Três Séculos de Literatura Militar Brasileira — Rio de Janeiro, 1959.

J. B. Magalhães — Osório — Síntese de seu Perfil Histórico — Rio de Janeiro, 1978.

Affonso de Carvalho — Caxias — Rio de Janeiro, 1976.

J. V. Portela Ferreira Alves — Mallet — o Patrono da Artilharia — Rio de Janeiro, 1979.

Gustavo Barroso — A Guerra do Lopez — 1.ª Edição — Cia. Editora Nacional — Rio de Janeiro.

Augusto Tasso Fragoso — História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai — 5 volumes — Rio de Janeiro, 1934.

Dionísio Cerqueira — Reminiscências da Campanha do Paraguai — Rio de Janeiro, 1980.

L. Sheineider — A Guerra da Tríplice Aliança Contra a República do Paraguai — Traduzido do alemão pelo Dr. Manoel Thomaz Nogueira Alves e anotado pelo Barão do Rio Branco, I e II volumes.

Heitor Borges Fortes — Velhos Regimentos — Rio de Janeiro, 1964.

Visconde de Taunay — Retirada da Laguna — S. Paulo, 1975..

Visconde de Taunay — Diário do Exército — S. Paulo, 1958.

Visconde de Taunay — Memórias — Rio de Janeiro, 1960.

Jerônimo Martiniano Figueira de Melo — Autos do Inquérito da Revolução Praeira — Brasília, 1978.

Urbano Sabino Pessoa de Melo — Apreciação da Revolução Praeira — Brasília, 1978.

Júlio Chiavenato — Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai — S. Paulo, 1980.

Abdias Neves — A Guerra do Fidiê — Rio de Janeiro, 1974.

Joaquim Silvério de Azevedo Pimentel — Episódios Militares — Rio de Janeiro, 1980.

Leon Pomer — Paraguai: Nossa Guerra Contra Esse Soldado — Coleção História Popular n.º 3.

Foram consultados os Livros, Coleções e Documentos seguintes:

Livro de Batizados da Diocese de Sobral (anos de 1819 a 1822).

Fé de Ofício do Ten. Coronel Francisco Frederico Figueira de Melo (Arq. Exército).

Coleção de Ordens do Dia — Quartel General do Exército na Corte/1858.

Idem, idem, Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra (1861 a 1868).

Livros de Atas das Sessões da Câmara de Sobral — 1865-1870.

Os jornais:

Pedro II (Fortaleza)
O Cearense (Fortaleza)
Constituição (Fortaleza)
Consciência (Sobral)
A Ordem (Sobral)

Foram realizadas as seguintes pesquisas:
Biblioteca Pública do Ceará (Fortaleza)
Biblioteca da Universidade Vale do Acaraú (Sobral)
Arquivo do Instituto do Ceará (Fortaleza).